

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

**A EXPRESSÃO DO SENTIMENTO DE GRATIDÃO: UM ESTUDO COM
CRIANÇAS E ADOLESCENTES ESCOLARES DE PORTO ALEGRE**

Maria Adélia Minghelli Pieta

Dissertação de Mestrado

Porto Alegre/RS, 2009

**A EXPRESSÃO DO SENTIMENTO DE GRATIDÃO: UM ESTUDO COM
CRIANÇAS E ADOLESCENTES ESCOLARES DE PORTO ALEGRE**

Maria Adélia Minghelli Pieta

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia
Sob Orientação da
Prof^a Dr^a Lia Beatriz de Lucca Freitas

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento
Março, 2009.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, às escolas que me receberam com cordialidade e solicitude, flexibilizando horários, alterando rotinas, mobilizando professores, funcionários e alunos, fazendo todo o possível para que essa pesquisa pudesse ser realizada, mesmo com seus inerentes transtornos.

Todo meu carinho à equipe do Laboratório de Psicologia e Epistemologia Genética da UFRGS, pelo suporte e troca intelectual, em especial à Prof^a Dr^a Lia Freitas, cuja orientação foi um verdadeiro norte.

Sou grata à minha família por todo o apoio que recebi nesses dois anos, principalmente à minha mãe.

Finalmente, agradeço aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS por me incentivarem e inspirarem, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão da bolsa de estudos que financiou esta pesquisa.

“Gratidão é a memória do coração.” (Provérbio francês)

SUMÁRIO

Página

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO	10
1.1. Funções da gratidão.....	11
1.2. A gratidão na psicologia.....	14
1.2.1. Gratidão e bem-estar subjetivo	14
1.2.2. Gratidão e moral	15
1.2.3. Gratidão e diferenças individuais	18
1.3. Gratidão e desenvolvimento humano	19
1.4. Justificativa e objetivo do estudo.....	25

CAPÍTULO II

MÉTODO.....	27
2.1. Participantes.....	27
2.2. Instrumentos	28
2.3. Delineamento e procedimentos gerais.....	28
2.4. Procedimentos de análise dos dados.....	30
2.5. Considerações éticas.....	31

CAPÍTULO III

RESULTADOS.....	33
3.1. Tipo predominante de gratidão na resposta de cada participante.....	33
3.2. Tipos de gratidão na resposta de cada participante	35
3.2.1. Gratidão verbal	36
3.2.2. Gratidão concreta.....	37
3.2.3. Gratidão conectiva	37
3.2.4. Outros	37
3.3. Tópicos presentes na literatura	38
3.3.1. Retribuição com bens materiais.....	38
3.3.2. Autosuficiência.....	39
3.3.3. Presença das palavras “grato”, “gratidão” e “agradecido”	40

3.3.4. Gratidão a Deus	40
3.3.5. Outros tópicos.....	41

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO	43
-----------------	----

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO	52
-----------------	----

REFERÊNCIAS	55
-------------------	----

ANEXOS	61
--------------	----

Anexo A - Instrumento	61
-----------------------------	----

Anexo B - Autorização da direção da escola.....	62
---	----

Anexo C – Termo de consentimento livre e esclarecido – pais ou responsáveis legais.....	63
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	27
Tabela 2.	30
Tabela 3.	36
Tabela 4.	36
Tabela 5.	38
Tabela 6.	39
Tabela 7.	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	13
Figura 2.....	34
Figura 3.	35

RESUMO

Este estudo transversal investigou os tipos de gratidão expressos por crianças e adolescentes de Porto Alegre, para verificar se diferentes formas de expressar a gratidão aparecem ao longo do desenvolvimento humano. 430 escolares de 7 a 14 anos, de ambos os sexos, escolhidos por conveniência em 2 escolas públicas e 2 escolas particulares responderam às perguntas de Baumgarten-Tramer: “O que tu mais queres?” e “O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?”. Uma análise de conteúdo das respostas à segunda pergunta indicou que a expressão do sentimento de gratidão varia de acordo com a idade, não sendo encontrada diferença significativa na forma como meninos e meninas expressaram a gratidão. Embora tenha sido fortalecida a hipótese de que a gratidão se desenvolve ao longo da infância, muitos estudos restam ser feitos ainda sobre o assunto.

Palavras-chave: Gratidão; desenvolvimento; moral; crianças; adolescentes

ABSTRACT

The expression of the feeling of gratitude: a study with school children and adolescents of Porto Alegre

This cross-sectional study investigated the types of gratitude expressed by school children and adolescents of Porto Alegre, aiming to verify whether different forms of expressing gratitude appear during human development. 430 students aged 7-14, of both sexes, chosen by convenience from 2 public schools and 2 private schools responded to Baumgarten-Tramer's questions: "What is your greatest wish?" and "What would you do for the person who granted you this wish?" A content analysis on the answers to the second question suggested that the expression of the feeling of gratitude varies by age. No significant difference was found in the way boys and girls expressed their gratitude. Although the hypothesis that gratitude develops throughout childhood has been supported, more studies should be conducted on this important topic.

Keywords: Gratitude; development; moral; children; adolescents

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Historicamente, a gratidão tende a ser vista como algo socialmente desejável. Ao longo do tempo e em diferentes culturas, experiências e expressões de gratidão têm sido tratadas como aspectos básicos e desejáveis da personalidade humana e da vida social (Emmons & McCullough, 2003). A palavra gratidão deriva da raiz latina *gratia*, que significa favor, e *gratus*, que significa agradável. Todas as derivações dessa raiz latina referem-se a bondade, generosidade, dádiva, a beleza de dar e receber, ou obter gratuitamente. As raízes da gratidão podem ser vistas em muitas tradições religiosas, permeando textos, orações e ensinamentos (Emmons, 2004). Nas religiões monoteístas, Deus é retratado como o doador maior e, diante de seu reconhecimento como tal, os homens reagem com gratidão, sentimento que o judaísmo, cristianismo e islamismo procuram evocar e manter em seus fiéis. O Velho Testamento é repleto de passagens que dizem que o homem deve gratidão a Deus pela vida, pela saúde e pelo sustento e há nele numerosos salmos e orações voltados para o agradecimento a Deus (Emmons, 2004).

Diversos filósofos, desde a Antiguidade, escreveram sobre a gratidão, apontando-a como uma das mais importantes virtudes e como um ingrediente necessário para a formação da personalidade moral (Emmons, 2004). Autores da sociologia e da antropologia também abordaram o tema. Na psicologia, na primeira metade do século XX destacaram-se os trabalhos de Baumgarten-Tramer (1938) e Klein (1957/1974). A primeira interessou-se pela gratidão ao longo do desenvolvimento e a segunda preconizou ser a gratidão um sentimento que emerge das relações primeiras infantis, derivado da capacidade da criança de amar. Desde a década de 90 do século XX, alguns autores da psicologia retomaram o assunto, mas é recentemente que se tem observado um crescente interesse pelo tema. Em uma busca no banco de dados científicos *PsycInfo* sob o descritor *gratitude* (gratidão), no período de 2000 a janeiro de 2009, foram encontrados 58 artigos empíricos—um número muito superior ao encontrado anteriormente—, 30 deles voltados exclusivamente para a gratidão. Nesse período, um único artigo de autores brasileiros—Paludo e Koller (2006)—foi localizado, através do sistema *on-line* de bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A recente atenção que a gratidão vem recebendo por parte de estudiosos, se por um lado tem produzido achados que esclareceram um pouco mais esse fenômeno—indicando que contribui para o bem-estar social e subjetivo (Emmons & McCullough, 2003; McCullough, Kilpatrick, Emmons, & Larson, 2001)—por outro, tem apontado lacunas em seu conhecimento. Dentre os pontos obscuros na compreensão da gratidão, pela pouca quantidade de estudos empíricos desenvolvidos sobre o assunto, encontra-se o fato de não sabermos se ela é inata ou aprendida, se se desenvolve e, se sim, como. Os estudos empíricos sobre a gratidão em crianças e adolescentes são praticamente inexistentes (Froh, Miller, & Snyder, 2007; Froh, Sefick, & Emmons, 2008), mas há indicativos de que a gratidão ajuda na promoção do bem-estar subjetivo dos indivíduos em formação (Froh, Miller, & Snyder; Froh et al.) sendo interessante compreender como esse sentimento opera para, se possível, estimulá-lo.

O objetivo deste estudo foi, pois, investigar a expressão de gratidão de crianças e adolescentes para se conhecer um pouco mais sobre esse sentimento, ver se há indícios de que ele se desenvolve e, se sim, de que forma. Para tanto, foi utilizado como inspiração um estudo suíço realizado em 1938 por Baumgarten-Tramer sobre a expressão de gratidão em crianças e adolescentes, considerado de grande relevância para o conhecimento da gratidão ao longo do desenvolvimento (Froh et al., 2007; Tsang & McCullough, 2004). Froh et al. (2007) consideraram a investigação de Baumgarten-Tramer como “um estudo ambicioso do curso do desenvolvimento da gratidão” (p. 4) e “a única tentativa que se conhece de elucidar cientificamente a trajetória de desenvolvimento e a manifestação da gratidão em crianças e adolescentes” (p. 4). Pelo fato da hipótese de Baumgarten-Tramer de que o sentimento de gratidão se desenvolve nunca ter sido testada, seria interessante realizar um estudo 70 anos depois e comparar seus achados com os da autora.

Antes de apresentar o estudo propriamente dito, faz-se, nesta introdução, uma revisão da literatura sobre a gratidão, percorrendo-se, inicialmente, sobre suas funções, mostrando-se, a seguir, como vem sendo tratada em diferentes áreas da psicologia e, finalmente, aborda-se a gratidão ao longo do desenvolvimento.

1.1. Funções da gratidão

McCullough et al. (2001), numa revisão teórica sobre a gratidão, recapitularam sua função social, desde a proposição de Adam Smith (1759/2002)

de que a gratidão resulta em bem-estar social. Simmel (1950) referiu-se à gratidão como “a memória moral da humanidade”. A insuficiência de estruturas sociais formais que regulem e assegurem a reciprocidade nas interações humanas faz com que, em nosso processo de socialização, aprendamos a experienciar a gratidão como uma forma de lembrarmos a reciprocidade das obrigações. A gratidão seria uma das emoções morais que ligariam as pessoas à sociedade como um todo. Nessa mesma linha, McCullough et al. assinalaram que Schwartz (1967) associou gratidão à *inertia*, uma força que faz com que as relações sociais mantenham uma orientação pró-social. Baumgarten-Tramer (1938) considerou a gratidão como responsável pela coesão social, uma vez que cria uma relação entre pessoas, desenvolvendo seu senso de comunidade. A gratidão seria baseada, principalmente, em elementos sociais e éticos. Algoe, Haidt e Gable (2008), em um estudo empírico, encontraram dados que indicam que a gratidão tem a função de promover e manter relacionamentos. A reciprocidade que a gratidão enseja— a mútua troca de favores— teria uma função de equilíbrio social.

Para Bonnie e de Waal (2004), seria difícil pensar em como a humanidade funcionaria sem reciprocidade. Gouldner (1960) afirmou que o equilíbrio social não poderia existir sem a reciprocidade de serviços. Para Piaget (1965/1973), as trocas sociais devem atingir benefícios recíprocos ou o equilíbrio, a fim de que uma sociedade se conserve. Nas trocas que se efetuam no tempo, para que o equilíbrio seja durável, entram em ação normas tendentes à conservação de valores. De acordo com essas normas, se um indivíduo não reconhece a satisfação obtida através da ação benevolente de outro indivíduo, será acusado de erros, indo da ingratidão à traição. Trivers (1971) reconheceu que um sistema de favores e seu respectivo retorno não poderiam durar sem serem conferidos. Emoções negativas devem existir para proteger o benfeitor daqueles que não reconhecem sua benesse, violando, portanto, o código social.

Para Bonnie e de Waal (2004), assim como para Trivers (1971), a gratidão é uma adaptação evolucionária que regula as respostas das pessoas às ações altruístas. Estudos com outras espécies, especialmente primatas, sugerem que alguns pré-requisitos da gratidão já estão aí presentes. Trocas recíprocas governam a vida de muitos seres que vivem em grupos como peixes, aves e mamíferos. No entanto, a gratidão propriamente dita, segundo Bonnie e de Waal, vai além das trocas recíprocas. Ela pressupõe: a) a apreciação do favor recebido; b) sentimentos positivos dirigidos ao benfeitor; c) reconhecimento do custo da

ação para o benfeitor; e d) atribuição de intenção ao benfeitor (o beneficiário não sente gratidão por ações não intencionais). Tsang (2006), em investigação empírica, observou que os participantes que receberam uma benesse intencional relataram estar mais motivados pela gratidão do que os que foram beneficiados por uma ação casual. A avaliação dos custos e da intencionalidade da ação do benfeitor tem como consequência que o beneficiário é grato não apenas pela ação recebida, mas também ao próprio benfeitor. O beneficiário sente, então, uma dívida em relação ao benfeitor e uma obrigação de retribuir o favor. Finalmente, o beneficiário retribui o favor ao benfeitor e o ciclo continua, porque o benfeitor sente-se bem e segue fazendo benesses. A seguir, é representado um esquema da dívida psicológica gerada pela gratidão, com a conseqüente necessidade de retribuir o benfeitor (Figura 1).

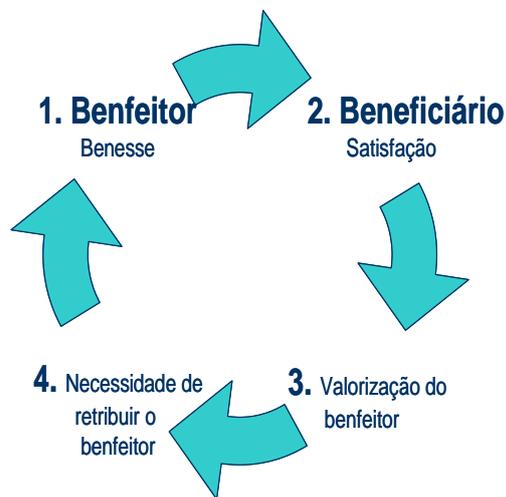


Figura 1. Esquema da dívida psicológica e retribuição do benfeitor

Nesse ciclo de trocas no tempo, é necessária uma memória do evento anterior não só para o reconhecimento do benfeitor, mas também para a manutenção do cálculo mental da dívida. Estudos mostram que chimpanzés lembram de indivíduos específicos que trataram deles no passado e retribuem-lhes com comida. Bonnie e de Waal (2004) sugerem que isto seria o rudimento da gratidão. Os autores inspiraram-se nas ideias de Westermarck (1908/1928), para quem a bondade retributiva, em sua forma primitiva, é encontrada em animais que vivem em grupos, incluindo o pequeno grupo constituído pela mãe, ou pais, e prole. Para Westermarck, o altruísmo nunca existiria sem uma reciprocidade de sentimento. Além das funções da gratidão no campo social, estudiosos da psicologia também têm se ocupado do tema. A seguir, apresenta-se a gratidão dentro da área da psicologia.

1.2. A Gratidão na psicologia

O fato de a gratidão ser relativamente pouco estudada na psicologia se deve, em parte, à natureza evasiva deste construto. Emmons e McCoullough (2003) afirmaram que a gratidão é difícil de ser definida, permitindo muitas classificações. Ela tem sido conceitualizada como uma emoção, um sentimento, uma atitude, uma virtude moral, um hábito, um traço de personalidade ou uma resposta de *coping*.

1.2.1. Gratidão e bem-estar subjetivo

Em uma série de estudos experimentais, verificou-se que sentimentos de gratidão aumentaram a resiliência, a saúde física e a qualidade da vida diária (Emmons & McCullough, 2003). Emmons e McCullough concluíram que pessoas gratas não apenas demonstram mais estados mentais positivos, isto é, mostram-se mais entusiásticas, determinadas e atentas, como também são mais generosas, cuidadosas e atenciosas para com os outros. Pessoas que se sentem regularmente gratas aos outros tendem a sentir-se amadas e cuidadas (Andersson, Giacalone & Jurkiewicz, 2007). Froh et al. (2008), em um estudo realizado com adolescentes, observaram que, ao cabo de algumas vezes que os participantes listaram situações em que se sentiram gratos, houve uma melhora em seu bem-estar. Mengarda (2002) realizou estudo com idosos, utilizando testes e entrevistas, e observou que a gratidão ao passado, juntamente com outros elementos, contribuiu para a satisfação de vida destes sujeitos. O autor apontou a gratidão ao passado como possivelmente um dos fatores da longevidade.

A gratidão parece ser também altamente adaptativa. Fredrickson (1998) sugeriu que a gratidão pode ser relevante para o bem-estar, *coping* e ajustamento, promovendo o desenvolvimento de laços sociais e recursos de *coping* que ajudam a manter o bem-estar durante situações estressantes. Para Bono e McCullough (2006), a gratidão ajuda as pessoas a responder mais positivamente aos acontecimentos da vida e a valorizar situações em que os outros são benevolentes para com elas, fornecendo recursos para o bem-estar psicológico. Wood, Joseph e Linley (2007) encontraram evidências de que pessoas gratas estão mais inclinadas a buscar apoio emocional e instrumental e a abordar problemas, como estratégia de *coping*, em vez de evitá-los. Paludo e Koller (2006) sugeriram que a gratidão pode servir de proteção para situações adversas, aumentando a resiliência.

McCullough et al. (2001) assinalaram que a gratidão é referida em estudos (Mayer, Salovey, Gomberg-Kaufman, & Blainey, 1991; Reizenzein, 1994) como uma emoção agradável e está associada a estados psicológicos positivos como contentamento (Walker & Pitts, 1998), felicidade, orgulho e esperança (Overwalle, Mervielde, & De Schuyter, 1995). Para Baumgarten-Tramer (1938), no entanto, a gratidão gera um sentimento de dívida, o qual pode se tornar um fardo. Watkins, Scheer e Ovnicek (2006), contrariando essa posição e seguindo a linha de Heider (1958), encontraram indicativos de que gratidão e endividamento são afetos distintos. Tsang (2007) observou em um estudo empírico que a gratidão foi mais preditora do retorno de favores do que o sentimento de dívida. Gratidão e obrigação também têm sido propostas como conceitos distintos por diversos autores (Alves, 2006; Anderson, 2005; Goei & Buster, 2005; Gouldner, 1960).

1.2.2. Gratidão e moral

No tocante à moralidade, existem pelo menos três perspectivas da psicologia que relacionam a gratidão à moral: uma delas é a que considera a gratidão um afeto moral; a outra é a que vê a gratidão como uma virtude moral; por fim, a terceira é a que contempla a gratidão como um sentimento interindividual. A seguir, apresentam-se elas.

McCulloch et al. (2001) sugeriram que a gratidão pertenceria à esfera moral, a partir de extensa revisão da literatura sobre o assunto. Os autores encontraram diversos estudos empíricos que apontam nessa direção. Referindo-se à gratidão como um afeto moral, esses autores não estão propondo que experiências de gratidão em si mesmas sejam morais. A hipótese de McCullough et al. é a de que, pelo fato de a gratidão resultar de comportamento moral e estimulá-lo, ela pertenceria ao âmbito da moral. Por comportamento moral, aqui, entende-se a ação que leva o outro em consideração. Os afetos considerados morais como empatia, compaixão, culpa e vergonha têm uma variedade de características e funções pró-sociais que têm sido encontradas também na gratidão. Enquanto que a empatia e a compaixão operam diante do infortúnio de outrem, e a culpa e a vergonha emergem quando não atingimos os padrões morais, a gratidão opera tipicamente quando somos beneficiários de um comportamento pró-social. McCulloch et al. propuseram que a gratidão teria três funções especificamente morais: 1) a função de barômetro moral: a gratidão seria uma reação emocional diante da generosidade de outrem (o indivíduo seria, tal qual um

barômetro, um “sensor” de comportamento moral); 2) a função de motivar o comportamento moral: a gratidão motivaria a pessoa grata a praticar ações altruístas não apenas em relação a seu benfeitor, mas também a outras pessoas e, neste sentido, promoveria o comportamento pró-social; e 3) a função de reforço moral: a expressão de gratidão a um benfeitor encorajaria este a engajar-se em mais comportamentos pró-sociais, inclusive com relação a terceiros.

Além da perspectiva da gratidão como um afeto moral, autores têm apresentado a gratidão como uma virtude moral. Segundo Williams (2002), virtudes são as qualidades de caráter admiráveis e louváveis, bem como as qualidades de uma pessoa num contexto ou papel restrito, por exemplo, suas qualidades esportivas ou sua habilidade manual. La Taille (2001) reiterou que as virtudes podem ser atribuídas tanto a ações do ser humano—cantar bem ou ser habilidoso em algo—, como ao caráter da pessoa—ser humilde ou fiel. As virtudes que se referem ao caráter—virtudes de caráter (gratidão, justiça, generosidade, coragem)—ocupam lugar especial entre as virtudes, sendo virtudes morais. São virtudes morais, porque podem ter importante papel na gênese da moralidade, concorrer para a sua efetivação e constituir a chamada personalidade moral—personalidade à qual estão intimamente associados valores morais que fazem parte do autoconceito.

La Taille (2000) considerou a gratidão uma virtude moral e ressaltou que esta não é derivada de um direito alheio de retribuição, mas sim de um valor moral. O reconhecimento espiritual de uma dívida é algo espontâneo, considerado um bem pela maioria das pessoas, sem que a isso corresponda nenhum direito. É justamente o fato de não haver um direito de receber a gratidão de outrem que a torna uma virtude moral.

Ainda para La Taille (2001), a polidez desempenha um papel na gênese da moral, pois é através das regras de polidez que a criança pode começar a compreender certas virtudes. Por exemplo, “o ‘obrigado’ aponta para a *gratidão*” (p. 116). Em um estudo sobre a polidez, uma “pequena virtude”, La Taille realizou entrevistas clínicas com crianças, contando uma história sobre uma transgressão e dois personagens—um polido e outro não. Após indagadas sobre quem era o autor da transgressão, as crianças menores de 6 anos tenderam a achar que foi o personagem mal-educado. Noutra história, que envolvia um ato virtuoso e dois personagens—novamente, um polido e outro não—, após serem questionadas sobre quem praticara o ato, as crianças menores de 6 anos disseram,

em sua maioria, ter sido o personagem bem-educado. Esses achados levaram La Taille a concluir que, para crianças pequenas, a polidez é um indício de que a pessoa educada comporta-se bem, não transgredindo leis, sendo virtuosa, portanto, sendo moral. As virtudes morais teriam, assim, relevante função na gênese da moralidade.

Paralelamente às duas perspectivas da gratidão anteriormente mencionadas, existe uma terceira que é a da gratidão como um sentimento interindividual. Piaget (1965/1973) considerou que os sentimentos interindividuais aparecem nas trocas de valores entre os indivíduos. Toda ação de um indivíduo repercute sobre outros, provocando uma ação de volta, que pode ser material ou virtual. Quando a ação de retorno é material, ocorre transferência de objeto em retribuição à ação recebida; quando é virtual, ocorre valorização positiva ou negativa do agente, a partir de uma escala pessoal de valores, ocasião em que o sentimento interindividual aparece. No caso específico da gratidão, ocorreria, por parte do beneficiário, uma valorização positiva do benfeitor, portanto um sentimento interindividual. Pode-se dizer que, na gratidão, ocorre uma troca (e não uma transferência de valor), pois do recebimento de uma benesse decorre a valorização positiva do benfeitor (e não a transferência de objeto em retribuição à ação recebida). Para Piaget, assim como para Bonnie e de Waal (2004), é dessa valorização positiva do benfeitor—e não apenas de sua ação—que decorrem o sentimento de uma dívida psicológica e a necessidade sentida pelo beneficiário de retribuição da benesse recebida.

Baumgarten-Tramer (1938) qualificou a gratidão, do ponto de vista psicológico, como um sentimento reativo que emerge quando se obtém uma benesse ou ajuda desejada. A autora destacou a complexidade do sentimento de gratidão, que abarcaria: a) satisfação pela assistência recebida – componente de natureza egoísta; b) valorização do benfeitor – componente de natureza social; c) desejo de recompensar o benfeitor – componente de natureza social; e d) sentimento de dívida insaldável. Quanto à satisfação pela assistência recebida, para La Taille (2000), o beneficiário de uma ação generosa percebe esta como um gesto espontâneo do benfeitor, que atenta para a sua singularidade, e não como algo que lhe cabe por direito. Este fenômeno acarreta a valorização do benfeitor e o desejo de recompensá-lo, elementos que, por sua vez, conferem o caráter interindividual do sentimento de gratidão. Para Bonnie e de Waal (2004), neste mesmo sentido, a gratidão pressupõe, além da apreciação do favor recebido,

sentimentos positivos dirigidos ao benfeitor, sendo, pois, um sentimento interindividual. Westermarck (1908/1928) viu a gratidão como um sentimento retributivo benevolente, ao contrário do sentimento de vingança que, embora retributivo, derivaria do ressentimento. Solomon (2004) também chamou a atenção para o aspecto retributivo da gratidão: enquanto a vingança foi caracterizada por Sócrates como a retribuição do mal com o mal, a gratidão seria uma retribuição do bem com o bem.

1.2.3. Gratidão e diferenças individuais

Desde Smith (1759/2002) vários autores levantaram a hipótese de que pessoas benevolentes seriam mais inclinadas a experienciar gratidão (McCullough et al., 2001). Esses indivíduos tenderiam a sentir empatia e a se colocar no lugar do outro. Para Wood, Maltby, Stewart, Linley e Joseph (2008), pessoas gratas têm tendência a interpretar o comportamento dos outros através do viés da gratidão, percebendo a ajuda que recebem como custosa ao benfeitor, genuinamente bem intencionada (em vez de movida por interesses egoístas) e valiosa. McCullough, Emmons e Tsang (2002) hipotetizaram que a disposição para a gratidão estaria relacionada a uma inclinação para o perdão. Neto (2007) encontrou indicadores de que pessoas gratas têm mais propensão ao perdão, fortalecendo a hipótese de McCullough et al. Em uma análise de regressão dos resultados obtidos em questionários respondidos por 152 universitários, Neto observou que a gratidão foi preditora de uma tendência a perdoar.

A gratidão tem sido associada a traços de personalidade ligados a comportamentos pró-sociais. Pessoas gratas são mais agradáveis e menos narcisistas (McCullough et al., 2001). McWilliams e Lependorf (1990) notaram que pessoas narcisistas são incapazes de experienciar e expressar gratidão para com os outros, possivelmente, por terem dificuldade de admitir que não são autosuficientes. Uma vez que as expressões de gratidão implicam o conhecimento de que dependemos dos outros para nosso bem-estar, a gratidão seria desagradável para essas pessoas. Kashdan e Breen (2007) hipotetizaram que pessoas que valorizam bens materiais, tenderiam a ter menos gratidão. Indivíduos com fortes valores materiais estariam mais voltados para riqueza e possessões, ao passo que indivíduos com disposição para a gratidão estariam mais voltados para as relações interpessoais e espiritualidade. Kashdan e Breen realizaram um estudo onde 144 universitários preencheram uma escala de valores materiais e o *Gratitude*

Questionnaire-6, e observaram que valores materiais relacionaram-se inversamente com a gratidão.

Baumgarten-Tramer (1938) já havia sugerido uma relação entre personalidade e gratidão: indivíduos com personalidade mais realista, ou avara, tenderiam a ter um senso de dívida mais proporcional ao favor recebido do que indivíduos com personalidade impulsiva, imaginativa e generosa, os quais tenderiam a ter um senso de dívida excessivo. No entanto, de acordo com McCullough et al. (2002), estudos sobre gratidão e personalidade requerem critérios específicos para ter valor perante a psicologia da personalidade.

Froh, Yurkewicz e Kashdan (in press) hipotetizaram que haveria uma diferença entre homens e mulheres na experiência de gratidão, estando os homens mais inclinados a evitar este sentimento por estar associado a emoções e cognições negativas. Para os autores, os homens expressariam tipicamente emoções associadas com poder e *status*. Como a gratidão implica, de certa forma, uma dependência dos outros, os homens veriam-na como um atestado de fraqueza, uma ameaça à sua masculinidade e ao seu *status* social. Consequentemente, para se proteger, os homens evitariam experiências e expressões de gratidão. Ainda para Froh et al., as mulheres, comparadas com os homens, estariam mais inclinadas a experienciar e expressar gratidão, bem como a se beneficiar desse tipo de sentimento. Kashdan, Mishra, Breen e Froh (in press) avaliaram a expressão de gratidão de homens e mulheres e encontraram indícios de que as mulheres, em comparação com os homens, veem a gratidão como menos desconhecida, complexa, incerta e conflituosa do que os homens, e acham-na mais interessante e estimulante.

1.3. Gratidão e desenvolvimento humano

Apesar da gratidão ter sua importância reconhecida, pouco se sabe sobre esse fenômeno ao longo do desenvolvimento humano. Em uma busca no banco de dados científicos *PsycInfo*, sob os descritores *gratitude* (gratidão) e *development* (desenvolvimento), nenhum estudo empírico sobre a gratidão ao longo do desenvolvimento infantil foi encontrado no período de 2000 a janeiro de 2009. Neste mesmo período, utilizando-se os descritores *gratitude* e *children* (crianças), somente um artigo empírico apareceu—Gordon, Musher-Eizenman, Holub e Dalrymple (2004). Para Froh et al. (2008), as pesquisas sobre a gratidão em crianças são, em grande parte, sobre a compreensão das crianças dos

antecedentes da gratidão e suas crenças sobre a gratidão, não sobre a experiência da gratidão em si. Não se sabe ainda se gratidão é inata, se se manifesta de diferentes formas em função da idade e do sexo, se pode ser cultivada e de que forma influencia o funcionamento psicológico. Resultados de pesquisa indicam que a compreensão e a expressão da gratidão se desenvolvem ou se modificam ao longo da infância (McAdams & Bauer, 2004). No entanto, há muitos pontos nebulosos no assunto.

Dentre os autores que abordaram o tema, Klein (1957/1974) escreveu que somente a criança que desenvolve uma boa relação com o objeto bom materno pode construir uma forte e permanente capacidade para o amor e a gratidão¹. Todavia, a autora extraiu suas conclusões da observação de bebês, sem, contudo, verificar empiricamente essa sua hipótese. Lazarus e Lazarus (1994) afirmaram que a gratidão é uma das emoções que se originam na capacidade de ter empatia com os outros. Para Baumgarten-Tramer (1938) e outros autores (McCullough et al., 2001), as crianças só compreendem a gratidão após o curso de diversos anos de seu desenvolvimento. Apesar das experiências primevas de apego conterem alguns elementos primitivos de gratidão, ela requereria uma teoria da mente internalizada: a criança precisa entender que ela e as outras pessoas são seres cujas ações são motivadas por desejos e crenças. Isso ocorreria apenas por volta dos 4 anos de idade (McAdams & Bauer, 2004).

Dados de pesquisa apontados por Weiner e Graham (1988) sugerem que a ligação da atribuição de responsabilidade por resultados positivos com a gratidão só se consolida entre 7 e 8 anos de idade. Antes dos 7 anos, as crianças tendem a receber um benefício sem levar em conta a intencionalidade ou os motivos do benfeitor.

Com relação ao papel do reconhecimento da ação do benfeitor no sentimento de gratidão, Freitas, Silveira e Pieta (in press) realizaram um estudo com crianças de 5-12 anos, utilizando histórias com situações hipotéticas de ações benevolentes. Após a narração das histórias, foram feitas entrevistas clínicas com as crianças, pesquisando-se os tipos de sentimento que elas atribuíam aos beneficiários das ações. O objetivo foi investigar se esses sentimentos se relacionavam ou não com a ação do benfeitor, ou com o benfeitor em si. Os resultados sugeriram a existência de diferenças entre as crianças mais novas e as

¹ O tema foi desenvolvido em seminário proferido pelo psicanalista Gustavo Soares em 29 de outubro de 2007, na disciplina de Desenvolvimento Moral, nesta universidade.

crianças mais velhas. Enquanto que as crianças de 5-6 anos estabeleceram relação entre o sentimento positivo do beneficiário e a ação do benfeitor numa frequência baixa, as de 7-8 anos fizeram-no numa frequência maior. Já as crianças de 11-12 anos, não só estabeleceram relação com a ação do benfeitor, como também com o benfeitor em si. Os dados sugeriram ser plausível pensar que, antes de valorizar o próprio benfeitor, haveria um momento intermediário, em que as crianças valorizariam a ação deste, compreendendo que a satisfação experimentada pelo beneficiário se deve à ação do benfeitor e não apenas ao benefício recebido.

Em um estudo empírico sobre o altruísmo com crianças de 5 a 11 anos, Lourenço (1992) constatou que, com o aumento da idade, aumenta o altruísmo das crianças, dentre outras razões, pelo desenvolvimento da habilidade de conceber os atos pró-sociais em termos de ganhos. A partir disso, pode-se pensar que as crianças, na medida em que compreendem os atos pró-sociais como ganhos, passam também a entender a função social da gratidão.

Uma questão que tem despertado interesse nos pesquisadores é se o conceito de gratidão se desenvolve ao longo da infância. La Taille (1998) realizou entrevistas com crianças de 6-12 anos, perguntando se conheciam a palavra “gratidão”. Os resultados mostraram que, com 6 anos, 6,6% das crianças conheciam a palavra, embora dessem a ela significados vagos como, por exemplo, “carinho” e “coisa que a gente sente e às vezes fala”. Com 9 anos, mais da metade das crianças conhecia o termo e, aos 12, quase todas conheciam-no, com 50% das crianças respondendo que gratidão significa ficar feliz ao receber algo, material ou não, e demonstrar essa felicidade. No entanto, à medida que aumentava a idade, mais confusão surgia entre os significados das palavras “gratidão” e “generosidade”.

Ainda nesse mesmo estudo, a partir das respostas das crianças à pergunta “É bom ser grato?”, La Taille (1998) observou que as crianças de 9 anos relacionaram o sentimento e a manifestação de gratidão com a criação de laços e manutenção de amizades. Também demonstraram saber que, sendo grato, está-se reconhecendo o gesto do outro e isso faz com que consigam ajuda novamente, se precisarem. Curiosamente, as crianças de 12 anos não responderam assim, demonstrando confusão entre gratidão e generosidade, dizendo ser bom ser grato porque “é bom ajudar”, ou então porque “é bom receber ajuda”. Quando indagadas sobre se era importante dizer obrigado, todas as crianças do estudo

disseram que sim. Presume-se, a partir disso, que o valor do “obrigado” é aprendido desde cedo e permanece ao longo do desenvolvimento.

Acredita-se que, na passagem para a adolescência, a tendência a experienciar e expressar gratidão desenvolve-se de acordo com fatores pessoais e ambientais. O senso comum e a experiência pessoal sugerem que a qualidade da vida familiar e das relações fraternas, o efeito dos pares e da mídia, a influência da escola e da igreja e, sobretudo, o nível de civilidade que caracteriza o mundo social da criança contribuem para o desenvolvimento da gratidão (McAdams & Bauer, 2004). A partir de um estudo longitudinal com jovens, Vaillant (1993) teorizou que a gratidão é parte de um processo criativo, ao longo do desenvolvimento, em que emoções autodestrutivas são transformadas em emoções fortalecedoras e reparadoras.

Dentre o número relativamente pequeno de estudos empíricos sobre a gratidão, destaca-se o de Baumgarten-Tramer (1938). Essa autora foi uma das poucas a se voltar exclusivamente para o tema. Grande parte dos estudos que envolvem a gratidão, diferentemente do estudo de Baumgarten-Tramer, tendem a estudá-la junto com outros aspectos. Baumgarten-Tramer (1938) teve como ponto de partida para sua pesquisa as seguintes indagações: “A gratidão é um sentimento inato? Em que circunstâncias pode-se falar de gratidão consciente em crianças? Quais as manifestações deste sentimento nos diferentes estágios da vida? A gratidão apresenta uma curva específica de desenvolvimento? Podem ser determinadas diferenças caracterológicas quanto à gratidão? Há variações deste sentimento de acordo com o sexo? A gratidão é um sentimento frequente ou raro? Ela pode ser ensinada?” Para investigar o assunto, a autora perguntou a 1.059 crianças e adolescentes de Berna, na Suíça, duas questões: “O que tu mais queres?” e “O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?”. A partir da análise das respostas escritas, a autora constatou diferenças na forma como crianças e adolescentes expressaram a gratidão, sendo algumas dessas diferenças relacionadas à idade. Ela encontrou quatro tipos de gratidão que associou a quatro diferentes tipos de caráter. A gratidão *verbal*, do tipo “obrigado”, pode reproduzir um aprendizado da criança, sem denotar necessariamente um sentimento de gratidão. O mesmo observou La Taille (2001) em seu estudo empírico sobre a polidez em crianças. Não obstante, La Taille defende que o “obrigado” não é apenas um antecedente da moralidade, mas tem papel relevante na gênese desta. Além da situação anteriormente descrita,

Baumgarten-Tramer teorizou que a gratidão verbal pode ser utilizada, também, quando a criança sente profunda gratidão, mas não sabe expressar o que sente. Este tipo de gratidão estaria relacionado a dois tipos de caráter: um desprovido do sentimento de gratidão e outro, ao contrário, acometido de grande gratidão. A gratidão verbal foi encontrada com a mesma frequência até os 14 anos (em média, entre 30% e 40% das respostas dos participantes). Os jovens de 15 anos apresentaram em uma frequência muito alta esta forma de expressão (72%), o que, segundo a autora, pode denotar a ausência de um sentimento genuíno de gratidão, ou a incapacidade geral de expressar adequadamente sentimentos, típica da adolescência. A gratidão *concreta* aparece quando a criança oferece algo em retorno a um favor recebido, com a característica de ser de valor à criança e não necessariamente ao benfeitor, o que confere a natureza egocêntrica deste tipo de gratidão. Também surge quando a criança compartilha o objeto desejado. A gratidão concreta apareceu com maior frequência em crianças de 8 anos (51%) e mais raramente nos participantes entre 12 e 15 anos (6%). O terceiro tipo de gratidão seria a *conectiva*, caracterizada pela criação de uma relação espiritual com o benfeitor. Aqui, tanto pode ser oferecido algo que seja de valor para o benfeitor, quanto pode haver a manifestação de sentimentos como honrar altamente o benfeitor, subservir a este, considerar o benfeitor um grande amigo. Também podem aparecer retribuições voltadas para a sociedade, numa demonstração de altruísmo. Este tipo de gratidão só passou a ser expresso de forma significativa por crianças acima de 11 anos, sendo muito frequente nas de 12 anos (60%). Por fim, o último tipo de gratidão seria aquele em que a criança retribui um favor tanto com uma ação que auxilia o objeto ou a situação desejada, como com uma ação que promove seu desenvolvimento pessoal. Esta seria uma gratidão *finalística*. Um exemplo seria aquele da criança que escolhe como seu maior desejo obter um trabalho e, quando arguida sobre o que faria pela pessoa que a ajudasse a obtê-lo, diz que seria sempre pontual e honesta em seu trabalho. Bamgarten-Traumer também instituiu diferenças caracterológicas referentes à quantidade e qualidade das relações estabelecidas entre os quatro tipos de gratidão anteriormente apresentados, seja em relação a seus vários aspectos, seja em relação aos desejos da criança.

Inspirados nessa pesquisa, Gordon et al. (2004) compararam relatos de crianças de 4-8 anos e 9-12 anos sobre a quem eram gratas antes e depois do atentado de 11 de setembro, nos Estados Unidos. Os resultados sugeriram que as

crianças de 9-12 anos têm mais gratidão às pessoas do que as de 4-8 anos, que seriam mais gratas a objetos materiais, o que aponta para uma diminuição do egocentrismo e aumento de interesse pelas relações interpessoais das crianças maiores. As crianças mais velhas também incluíram mais temas em seus relatos, o que pode ser atribuído à sua maior habilidade de escrita. Os resultados também indicaram uma diferença de gênero: os relatos das meninas apresentaram mais temas do que os dos meninos. As meninas mostraram-se mais gratas às pessoas, enquanto que os meninos, a objetos materiais. Esses dados podem ser interpretados como uma tendência das meninas a passar mais tempo com as pessoas, a ocupar-se de temas sobre relacionamentos, a ter mais intimidade nas relações e a valorizar mais as amizades, enquanto que os meninos seriam mais competitivos.

É curioso que, investigando quem as crianças achavam ser mais gratos, se os meninos ou as meninas, La Taille (1998) observou que as crianças acharam que as meninas são mais gratas do que os meninos. As crianças de 9 anos consideraram que as meninas são mais gratas porque os meninos são “maus” e as crianças de 12 anos disseram que as meninas são mais gratas, porque são mais comportadas, educadas e atenciosas do que os meninos.

No Brasil, encontrou-se apenas uma pesquisa sobre a gratidão com crianças e adolescentes, sendo que esses viviam em situação de risco pessoal e social. Paludo (2008) investigou a disposição para experienciar gratidão de 856 crianças e adolescentes de 7-16 anos, em diferentes contextos de risco, utilizando uma versão reduzida da escala *Gratitude Questionnaire – 6* (GQ6), traduzida e adaptada para o português. Os resultados mostraram que o afeto positivo contribuiu significativamente para o aumento da expressão da gratidão, não tendo os estressores e a condição de vida afetado a disposição para a gratidão. O fato de ter um familiar doente ou deficiente mostrou contribuir para a experiência da gratidão, talvez porque o ente cuidado manifeste gratidão e estimule o cuidador a sentir gratidão, pois a literatura sugere que a gratidão inspira o benfeitor a agir pró-socialmente—portanto, a sentir gratidão (McCullough et al., 2001). Nesse estudo, não foram encontradas diferenças de sexo na disposição para a gratidão.

Em termos gerais, esses são os achados sobre a gratidão em crianças e adolescentes até o momento. Restam ainda muitas pesquisas para um maior conhecimento do tema. Froh et al. (2008) enfatizaram a importância de mais estudos sobre a gratidão ao longo do desenvolvimento. Emmons e Shelton (2002)

consideraram a realização de pesquisas sobre a gratidão em crianças uma “prioridade crítica” (p. 468). As perguntas sobre se a gratidão é inata, se se manifesta de diferentes maneiras de acordo com a idade e o sexo, se pode ser estimulada e de que forma influencia o funcionamento psicológico seguem sem respostas.

1.4. Justificativa e objetivo do estudo

Em virtude da gratidão ser um sentimento altamente desejável, conforme estudos mostram e por ser um assunto ainda pouco estudado empiricamente, menos ainda no que concerne ao desenvolvimento humano, coube aqui um estudo empírico que procurou elucidar algumas questões referentes à gratidão na infância e na adolescência. Se a gratidão é uma virtude que concorre para a gênese da moralidade, conforme sugeriu La Taille (2001), é importante conhecê-la melhor. Estudos também têm indicado que a gratidão pode ser importante para o *coping* (Fredrickson, 1998). Assim, torna-se relevante compreendê-la, a fim de que se possa desenvolver programas que promovam o bem-estar. Quanto mais conhecimentos sobre a gratidão se produzir, principalmente relacionados ao desenvolvimento, mais se pode planejar uma estratégia de ação que fomente o aparecimento deste tipo de sentimento nos indivíduos em formação (Froh et al., 2007). Foi essa uma das ideias que nortearam também Baumgarten-Tramer (1938) em seu estudo, pois a autora perguntou-se o que poderia ser feito para fortalecer o sentimento de gratidão. A utilização da investigação de Baumgarten-Tramer (1938) neste estudo justifica-se pelo fato desta ter-se mostrado pioneira e consistente, com achados relevantes e rica teorização que, conforme alguns autores (Tsang & McCullough, 2004), pode servir de inspiração para novos pesquisadores e nos auxiliar num maior conhecimento do sentimento de gratidão.

A ideia de que existem diferentes tipos de expressão da gratidão (verbal, concreta, conectiva e finalística), os quais se constituiriam em diferentes momentos do desenvolvimento ao longo da infância e da adolescência, abre caminhos para estudos mais aprofundados neste sentido. Como o estudo de Baumgarten-Tramer foi feito em 1938, ele obedeceu a princípios de pesquisa da época. Para o que se espera em termos de produção científica nos dias de hoje, esse estudo tem diversos pontos obscuros, como descrição insuficiente do método, tratamento estatístico precário e ausência de referências. Um novo estudo poderia

esclarecer melhor os pontos obscuros da investigação de Baumgarten-Tramer (1938) e possibilitar o surgimento de novos achados referentes ao tema.

Este estudo teve, pois, por objetivo pesquisar os tipos de gratidão expressos por crianças e adolescentes escolares da cidade de Porto Alegre, a fim de verificar se diferentes formas de expressar a gratidão aparecem ao longo do desenvolvimento. A hipótese aqui proposta é a de que tipos específicos de expressão de gratidão aparecem nas diferentes idades, indicando que a expressão do sentimento de gratidão se desenvolve ao longo da infância e da adolescência.

CAPÍTULO II: MÉTODO

2.1. Participantes

Participaram deste estudo 430 crianças e adolescentes, de 7 a 14 anos (média de idade = 10,8; desvio padrão = 2,1), sendo 181 do sexo masculino e 249 do sexo feminino. Os participantes cursavam entre a 2ª e a 8ª séries do ensino fundamental, em escolas de Porto Alegre. A idade mínima de 7 anos foi estipulada em virtude deste estudo requerer a expressão escrita das crianças, a qual ocorre, em geral, por volta desta idade. A composição da amostra foi feita por conveniência, em 2 escolas públicas e 2 escolas particulares de Porto Alegre: 62,1 % dos participantes eram de escola pública e 37,9% de escola particular. Nas escolas onde havia mais de uma turma de cada série, a escolha da turma que participaria do estudo foi feita por sorteio, para conferir algum grau de aleatoriedade à amostra.

A seguir, a Tabela 1 mostra a distribuição dos participantes em função da idade.

Tabela 1

Frequência e Porcentagem dos Participantes nas Diferentes Idades

Idade	Frequência	Porcentagem
7	42	9,8
8	58	13,5
9	62	14,4
10	68	15,8
11	58	13,5
12	58	13,5
13	54	12,6
14	30	7
Total	430	100

2.2. Instrumentos

Neste estudo, foram utilizadas as duas perguntas da investigação de Baumgarten-Tramer (1938), traduzidas e adaptadas para o português: “O que tu mais queres?” e “O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?” As perguntas apresentavam-se impressas numa folha de papel, na qual constavam dados de identificação do participante, como nome completo, idade, data de nascimento, série cursada e escola. (Anexo A)

2.3. Delineamento e procedimentos gerais

Foi realizado um estudo de corte transversal sobre os tipos de gratidão expressos por crianças e adolescentes escolares da cidade de Porto Alegre. Este tipo de estudo, que tem a característica de levantamento, é utilizado, segundo Cozby (2003), quando existe um interesse na obtenção de dados de forma sistemática acerca de um tema.

No processo de tradução das perguntas propostas por Baumgarten-Tramer (1938), algumas versões foram lidas para crianças, as quais foram fazendo sugestões até que se chegasse à versão utilizada no estudo piloto e que assim permaneceu até o final do estudo. Inicialmente, a pesquisadora, entrou em contato, por telefone, com instituições escolares para informar sobre a realização do estudo e perguntar se aceitariam participar do mesmo. Diante da anuência das escolas escolhidas para o estudo, foi combinado que a pesquisadora voltaria a fazer contato para explicar mais detalhadamente a pesquisa e organizar a coleta de dados. Das quatro escolas que participaram do estudo, a pesquisadora tivera contato anterior somente com uma, em função de sua participação na coleta de dados em uma outra pesquisa. As demais foram escolhidas ao acaso, com o cuidado de que, ao todo, duas fossem públicas e duas particulares.

Em março de 2008, a pesquisadora visitou as quatro escolas. Foi apresentado, nessas instituições, o projeto de estudo, o instrumento que seria utilizado (Anexo A), o documento que seria entregue à direção da escola solicitando autorização para realização da pesquisa (Anexo B), bem como uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que seria entregue aos pais ou responsáveis legais dos alunos (Anexo C). De posse da autorização dos diretores das escolas para a realização do estudo, foi dado início à coleta de dados.

Inicialmente, foi feito um estudo piloto em uma das escolas públicas. Foram sorteados 10 alunos de uma turma de primeira série, para ver como se

saíam na escrita, e quatro crianças e adolescentes de cada série subsequente. As turmas que participaram do piloto foram sorteadas, não participando, posteriormente, do estudo. Nessa ocasião, além de se constatar que as crianças conseguiam escrever de maneira satisfatória, verificou-se, também, que a tradução das perguntas estava adequada e que o modo de propô-las era pertinente.

A seguir, foi dado início ao estudo propriamente dito. Horários oportunos para a coleta de dados eram agendados entre a pesquisadora e os professores, sempre respeitando-se a dinâmica da escola e procurando-se interferir o mínimo possível nas atividades institucionais. Os alunos eram avisados pelos professores sobre a pesquisa e que a pesquisadora passaria em sala de aula para explicá-la e distribuir um documento para seus pais/responsáveis assinarem. No horário previamente combinado com o professor, era então explicada a pesquisa e informada a importância da entrega aos pais/responsáveis dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos e devolução destes assinados à escola, na data marcada pela professora.

Na medida em que os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos retornavam assinados, eram marcados a data e o horário de proposição das perguntas. Imediatamente antes da feitura das perguntas, era realizado um *rapport* com os alunos, no qual era explicado o conteúdo da folha de papel a ser distribuída e como deveriam preenchê-la. Era explicitado às crianças e adolescentes que só participariam da pesquisa se quisessem e que poderiam se retirar desta assim que o desejassem ou se fosse necessário. As perguntas eram postuladas coletivamente na própria sala de aula, salvo quando os participantes eram em número pequeno (pelo fato de os colegas de aula não terem devolvido os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos assinados pelos pais/responsáveis), quando então, com combinação prévia junto aos professores, eram deslocados para uma outra sala da escola, a fim de que os colegas continuassem suas atividades. Quando a feitura das perguntas ocorria em sala de aula, as crianças e os adolescentes que não haviam aceitado participar do estudo, ou cujos pais/responsáveis não haviam assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, realizaram outras atividades em sala de aula, previamente combinadas com o professor. As crianças e adolescentes que terminavam de responder às perguntas devolviam o material, o qual era conferido, para se verificar se estava corretamente preenchido. Após o lapso de tempo de aproximadamente 30 min., quando todos os participantes haviam terminado de

responder às perguntas, as folhas eram coletadas, com rápida conferência. Nenhum instrumento ficou incompleto.

2.4. Procedimentos de análise dos dados

Neste estudo, foi feita uma análise de conteúdo (Bardin, 1977/2004) das respostas dos participantes à segunda pergunta - “O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?”. As respostas à primeira pergunta foram guardadas para a possibilidade de futuros estudos. Segundo Marconi (1986), nesse tipo de análise, “o conteúdo das comunicações é analisado por meio de categorias sistemáticas, previamente determinadas, que levam a resultados quantitativos” (p. 99).

Na análise de conteúdo das respostas dos participantes, foram levados em consideração os quatro tipos de gratidão determinados por Baumgarten-Tramer (1938): gratidão verbal, concreta, conectiva e finalística. Além dessas quatro categorias, foram criadas duas outras categorias como “não sei” e “outros” quando a gratidão não foi expressa em nenhuma das categorias anteriores. Inicialmente, as respostas foram lidas na sua totalidade, a fim de obter-se uma visão do seu conjunto, a partir da qual, foi, então, feita a categorização a partir das quatro categorias de Baumgarten-Tramer (1938), bem como a criação das duas outras categorias. As respostas não foram armazenadas por ordem de idade, para que não houvesse viés na sua categorização.

A primeira categorização foi do tipo predominante de gratidão na resposta de cada participante, levando-se em conta o grau mais elevado de gratidão expresso. Consideraram-se, em ordem crescente, os seguintes graus: 1) gratidão verbal; 2) gratidão concreta; 3) gratidão conectiva ; 4) gratidão finalística. Houve casos em que o participante respondeu “não sei”, sendo esta, então, a categoria registrada. Quando a criança ou adolescente não expressou nenhum dos tipos de gratidão anteriormente descritos, sua resposta foi classificada na categoria “outros”. Um juiz previamente treinado leu, independentemente, 18,8% das respostas, a fim de verificar a confiabilidade das categorias utilizadas. O índice Kappa de concordância obtido entre o juiz e a pesquisadora foi de 0,95 (muito bom). A seguir, foi feita uma análise quantitativa da frequência das categorias nas diferentes idades, com utilização do teste qui-quadrado em SPSS.

Num segundo momento, foi feita uma categorização dos tipos de gratidão presentes na resposta de cada participante—por exemplo: se o participante

respondeu “daria um beijo” e “seria muito amigo dessa pessoa”, registrou-se 2 e 3 (gratidão concreta e gratidão conectiva).

Com inspiração na literatura, que sugere a importância de se estudar gratidão juntamente com o materialismo, a partir das categorias gratidão concreta e gratidão conectiva, foram criadas as subcategorias *gratidão concreta material* e *gratidão concreta imaterial*, bem como *gratidão conectiva material* e *gratidão conectiva imaterial*, levando-se em conta se a retribuição envolvia bens materiais ou não. Posteriormente, para fins de análise, as subcategorias *gratidão concreta material* e *gratidão conectiva material* foram unificadas em outra subcategoria: *retribuição com bens materiais*.

As respostas categorizadas como “outros” exigiram uma discriminação mais detalhada de seu conteúdo, pois algumas delas, apesar de não expressarem nenhum dos tipos estabelecidos de gratidão, apresentaram elementos que concorrem, mesmo que de forma rudimentar, para a gratidão, como a expressão de sentimentos positivos.

Por fim, foram criadas subcategorias de análise, a partir do aparecimento de um tema recorrente, que chamou a atenção, como a presença de autosuficiência—que gerou a subcategoria “autosuficiência”—e a partir de tópicos presentes na literatura sobre a gratidão—como a presença das palavras “grato”, “gratidão” e “agradecido”, gratidão a Deus, presença da ideia de reciprocidade, de dívida psicológica, de sentimento intenso gerado pela benesse, da necessidade de externar a gratidão, bem como a expressão de sentimentos positivos e menção ao benfeitor.

2.5. Considerações éticas

Os princípios éticos da pesquisa foram criados a fim de resguardar os direitos de bem-estar e dignidade dos participantes. Conforme esta orientação, o estudo em questão seguiu as diretrizes e normas da Resolução número 196/1996 do Ministério da Saúde, bem como a Resolução n. 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, que trata dos mesmos aspectos anteriormente citados, atentando para sua observação.

Para que tais fundamentos fossem verificados neste estudo, este projeto de pesquisa foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (protocolo de pesquisa 2007/053), com a subsequente aprovação. O documento de autorização das

escolas (Anexo B) foi confeccionado em duas vias, uma que ficou com a escola e outra que foi devidamente armazenada. Somente participaram deste estudo aquelas crianças e adolescentes cujos pais ou responsáveis legais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C), o qual também foi elaborado em duas vias, uma que ficou com os pais ou responsáveis legais do participante e outra que foi devidamente armazenada. As perguntas utilizadas neste estudo foram elaboradas com o intuito de não causar nenhum dano ou prejuízo aos participantes.

Foi combinado com as escolas participantes que, após a finalização desta pesquisa, seria feita uma devolução dos achados. Todos os dados e documentos que resultaram deste estudo ficarão armazenados na sala 118 do Instituto de Psicologia da UFRGS, por um período não inferior a 5 anos.

CAPÍTULO III: RESULTADOS

Neste capítulo, apresentam-se, primeiramente, os resultados referentes às frequências dos tipos predominantes de gratidão e, a seguir, dos tipos de gratidão que apareceram na resposta de cada participante com suas subcategorias. Também são expostos aqui alguns trechos de respostas de participantes, os quais ilustram temas presentes na literatura sobre a gratidão.

3.1. Tipo predominante de gratidão na resposta de cada participante

Inicialmente foram levantadas as frequências relativas a cada categoria dos 4 tipos de gratidão de Baumgarten-Tramer (1938), tendo-se verificado os seguintes resultados: 41,4% conectiva, 24,4% verbal, 23,3% concreta, 7,4% outros, 3,0% não sei e 0,5% finalística. Em virtude das baixas frequências nas categorias “outros”, “não sei” e “finalística”, foram mantidas para as análises posteriores apenas as três primeiras categorias, que corresponderam a 89,1% dos casos.

A Tabela 2 mostra as frequências relativas (%) de cada tipo predominante de gratidão identificado em cada idade.

Tabela 2

Frequências Relativas (%) de Tipo Predominante de Gratidão nas Diferentes Idades

	7	8	9	10	11	12	13	14
Verbal	22,2	21,4	22	25	25	47,1	14,6	50
Concreta	58,3	46,4	35,6	23,3	9,6	11,8	14,6	3,6
Conectiva	19,4	32,1	42,4	51,7	65,4	41,2	70,7	46,4

A Figura 2 mostra que, como padrão geral, verificou-se um decréscimo na frequência de tipo concreta com o avanço da idade e um aumento nos tipos conectiva e verbal.

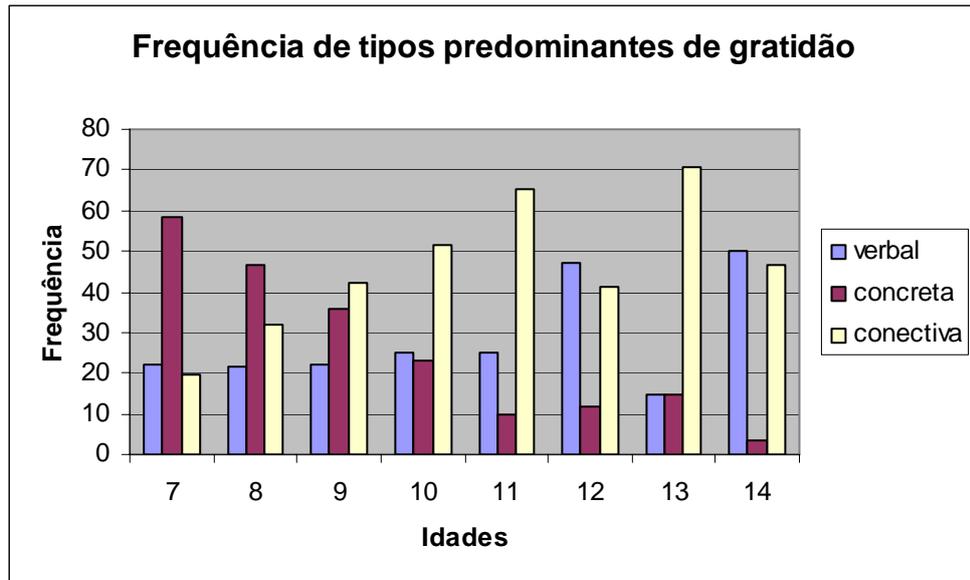


Figura 2. Frequência de tipos predominantes de gratidão

Para melhor visualização da tendência observada a Figura 3 apresenta os mesmos dados anteriores, agrupando as idades em faixas etárias. O padrão do resultado é similar ao anterior. Um teste de qui-quadrado mostrou que a relação entre faixa etária e tipo de gratidão foi significativa [$\chi^2 = 39,6$; $gl = 2$; $p < 0,001$]. Uma análise dos resíduos indicou uma maior proporção de tipo concreta na faixa de 7 a 10 anos e dos tipos conectiva e verbal na faixa de 11 a 14 anos.

A gratidão verbal apareceu numa frequência de 22,7% dos participantes de 7 a 10 anos e numa frequência de 33,1% dos participantes de 11 a 14 anos. A gratidão concreta apareceu numa frequência de 38,9% dos participantes de 7 a 10 anos e numa frequência de 10,5% dos participantes de 11 a 14 anos. A gratidão conectiva, por sua vez, apareceu numa frequência de 38,4% dos participantes de 7 a 10 anos e numa frequência de 56,4% nos participantes de 11 a 14 anos.

A Figura 3 apresenta os dados:

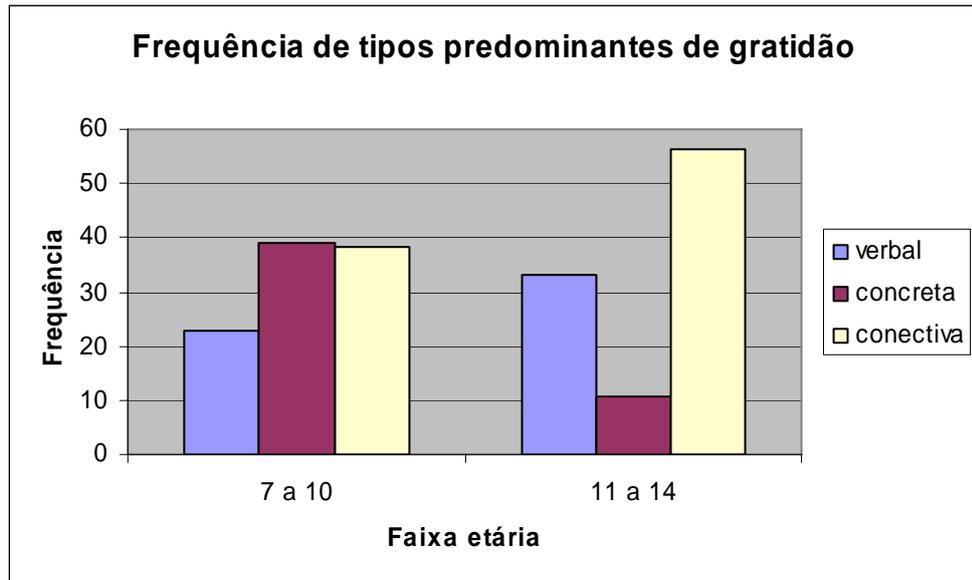


Figura 3. Frequência de tipos predominantes de gratidão nas faixas etárias

Análises realizadas separadamente para cada sexo não revelaram diferenças entre meninos e meninas no padrão dos resultados [$\chi^2 = 20,4$; $gl=2$; $p<0,001$].

Não foi possível fazer uma comparação entre os resultados apresentados pelos participantes de escolas públicas e de escolas particulares. Isso se deve ao fato de ter-se atentado para a variável idade, mas não para a variável tipo de escola, havendo um número superior de participantes de escolas públicas ao de escolas particulares. Desta forma, ficou impossibilitada a feitura de um cálculo estatístico comparando os resultados de escolas públicas e particulares. Possíveis diferenças que fossem encontradas não poderiam ser atribuídas ao efeito do tipo de escola.

3.2. Tipos de gratidão na resposta de cada participante

Num segundo momento, para uma análise mais pormenorizada, foram levantadas as frequências relativas (%) de cada tipo de gratidão identificado em cada idade. As categorias foram registradas tanto quando apareceram sozinhas (ex: "só verbal") como quando apareceram acompanhadas de outras categorias (ex: respostas em que apareceram juntas as categorias "verbal", "concreta" e "conectiva"). Os resultados são apresentados na tabela Tabela 3.

Tabela 3

Frequência e Porcentagem dos Tipos de Gratidão

	Frequência	Porcentagem
Só verbal	104	24,2
Só concreta	64	14,9
Só conectiva	93	21,6
Verbal+concreta	37	8,6
Verbal+conectiva	68	15,8
Concreta+conectiva	9	2,1
Verbal+concreta+conectiva	8	1,9
Total	383	89,1

3.2.1. Gratidão verbal

A gratidão verbal apareceu em 50,5% dos casos. Este tipo de gratidão foi encontrado em todas as idades, acompanhada ou não de outro tipo de gratidão. A seguir, uma tabela com a frequência (%) da gratidão verbal nas diferentes idades é apresentada (Tabela 4):

Tabela 4

Frequência Relativa (%) da Gratidão Verbal nas Diferentes Idades

	7	8	9	10	11	12	13	14
Verbal	31	37,9	43,5	55,9	51,7	70,7	42,6	76,7

Como padrão geral, verificou-se um aumento na frequência da gratidão verbal com o avanço da idade. Um teste de qui-quadrado mostrou que a relação entre presença de gratidão verbal e idade foi significativa [$\chi^2 = 31,1$; $gl=7$; $p<0,001$].

3.2.2. Gratidão concreta

A gratidão concreta apareceu na forma de gratidão concreta material—como, por exemplo, “*daria um presente*”—ou imaterial—como, por exemplo, “*daria um beijo*”. As respostas encontradas foram de 48,3% de gratidão concreta material e 51,7% de gratidão concreta imaterial.

3.2.3. Gratidão conectiva

A gratidão conectiva, do mesmo modo que a gratidão concreta, apareceu como gratidão conectiva material (mesmo que este tipo de gratidão seja caracterizado pela criação de laços espirituais com o benfeitor) ou imaterial. Um exemplo de gratidão conectiva material foi a resposta “*eu daria uma coisa que ela gostasse muito*” e, de gratidão conectiva imaterial, “*adoraria a pessoa e viraria amiga dessa pessoa*”. A gratidão conectiva material apareceu em 11,7% dos casos de gratidão conectiva e a gratidão conectiva imaterial em 88,8 % dos casos de gratidão conectiva.

3.2.4. Outros

Embora em 7,4% do total de casos não tenha sido constatada a expressão de gratidão nos termos das categorias estabelecidas, quais sejam: gratidão verbal, gratidão concreta, gratidão conectiva e gratidão finalística, foi observada, no entanto, numa parcela deles (25% dos casos categorizados como “outros”), a presença de sentimentos positivos, seja atribuídos à ação do benfeitor (6,2%), ao benfeitor em si (3,1%) ou desacompanhados de qualquer menção à ação benevolente ou ao benfeitor (15,6%).

Nas respostas categorizadas como “outros”, um exemplo em que apareceu um sentimento positivo na resposta à pergunta sobre o que o participante faria para a pessoa que lhe desse o que mais queria é: “*ficaria feliz*”. Um exemplo em que está presente um sentimento positivo relacionado à ação benevolente é: “*eu ia ficar muito contente com que ela mideu a bicicleta*” [sic]. E, por fim, uma resposta na qual se observa um sentimento positivo dirigido ao benfeitor é: “*ficaria muito feliz com ela, alegre, etc...*”.

Além destas respostas categorizadas como “outros” nas quais foram observados sentimentos positivos, houve respostas (15,6%) em que as crianças responderam à pergunta “O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?” ou expressando um novo desejo, ou dando sequência ao desejo

manifestado na primeira pergunta. Um exemplo de resposta em que há a expressão de um outro desejo é: “*Eu quero ficar com a minha família*”. Exemplos de respostas que dão seguimento ao desejo expresso na primeira pergunta são: “*Isplificar*”[sic] (explicar o que mais queria, para que a pessoa pudesse dar o objeto desejado) e, no caso de uma menina que desejou uma filmadora, pedir que lhe explicassem como usá-la. Também foram observados casos em que as crianças responderam à segunda pergunta explicitando que não faziam nada (59%).

3.3. Tópicos presentes na literatura

A seguir, a partir de tópicos presentes na literatura, foram levantadas algumas subcategorias.

3.3.1. Retribuição com bens materiais

Adiante é apresentada uma tabela que mostra a frequência relativa (%) de retribuição com bens materiais identificada em cada idade (Tabela 5):

Tabela 5

Frequência Relativa (%) da Retribuição com Bens Materiais nas Diferentes Idades

	7	8	9	10	11	12	13	14
Retrib. material	38,1	25,9	24,2	8,8	17,2	8,6	3,7	3,3

A Tabela 5 mostra que, como padrão geral, verificou-se um decréscimo na frequência de retribuição com bens materiais com o avanço da idade, com exceção dos 11 anos de idade, em que houve um inesperado aumento. Um teste de qui-quadrado mostrou que a relação entre presença de retribuição com bens materiais e idade foi significativa [$\chi^2 = 36,7$; $gl=7$; $p<0,001$].

A retribuição com bens materiais apareceu numa frequência maior nas respostas de gratidão do tipo concreta (48,3% dos casos de gratidão concreta) e numa frequência mais baixa nas respostas de tipo conectiva (11,7% dos casos de gratidão conectiva).

A fim de verificar possível existência de associação entre sexo e presença de materialismo nas respostas, foi realizado um teste de qui-quadrado, que revelou

não haver variação estatisticamente significativa entre as variáveis [$\chi^2 = 0,15$; $gl=1$; $p=0,70$].

3.3.2. Autosuficiência

Dentro da subcategoria autosuficiência, foram agrupadas todas as respostas nas quais apareceu a ideia de que a pessoa deve obter aquilo que deseja por conta própria. Um exemplo de resposta em que se observou a noção de autosuficiência é a de um menino de 13 anos que, ao desejar “*ter uma boa carreira profissional e ser feliz*”, respondeu à pergunta “O que tu farias para quem te desse o que tu mais queres?” da seguinte forma: “*Na minha opinião, eu tenho que conquistar por méritos meus e não os outros me fornecer as coisas*”. Uma outra jovem de 12 anos respondeu: “*Diria obrigada? Eu não acho que tem o mesmo valor alguém te dar o que tu mais quer e tu conquistar o que tu mais quer. Deve ter outro sabor tu batalhares, e depois de muito esforço conseguir, do que simplesmente pedir e ganhar tudo de mão-beijada, e eu tenho certeza que assim como eu, vários outros adolescentes preferem conquistar o que a gente mais quer, ser independente e livres para trilhar seu próprio caminho.*” Outro participante (13 anos) disse: “*Ninguém pode dar o que quero, eu que tenho que conseguir.*”

A subcategoria autosuficiência apareceu nas respostas de 8,6% dos participantes, tendo surgido não apenas em casos onde se registrou “outros” para o tipo de gratidão, como também em casos em que as crianças/adolescentes expressaram gratidão numa das formas previstas. Um exemplo desta última situação é o caso de uma menina de 14 anos que, ao desejar ser alguém com caráter e educação, respondeu à segunda pergunta: “*Eu faria qualquer coisa que a pessoa quisesse, mas isso só eu posso fazer, alguém pode até me ajudar, mas fazer por mim ninguém pode, é minha responsabilidade construir minha vida.*”

A autosuficiência apareceu somente a partir dos 10 anos. A seguir, a tabela mostra a frequência (%) da autosuficiência nas diferentes idades (Tabela 6).

Tabela 6

Frequência Relativa (%) da Autosuficiência nas Diferentes Idades

	7	8	9	10	11	12	13	14
Autosuficiência	0	0	0	1,5	5,2	13,8	29,6	30

Como padrão geral, verifica-se um aumento na frequência da presença de autosuficiência com o avanço da idade. Um teste de qui-quadrado mostrou que a relação entre presença de autosuficiência e idade foi significativa [$\chi^2 = 70,3$; $gl=7$; $p<0,001$].

3.3.3. Presença das palavras “grato”, “gratidão” e “agradecido”

As palavras “grato”, “gratidão” e “agradecido” apareceram em 11,4% das respostas dos participantes. Eis uma tabela discriminando a frequência com que estas palavras apareceram nas diferentes idades (Tabela 7):

Tabela 7

Frequência Relativa (%) das Palavras “Grato”, “Gratidão” e “Agradecido” nas Idades

	7	8	9	10	11	12	13	14
Grato, gratidão e agradecido	0	1,7	0	8,8	15,5	24,1	14,8	36,7

Como padrão geral, verifica-se um aumento na frequência das palavras “grato”, “gratidão” e “agradecido” com o avanço da idade. Um teste de qui-quadrado mostrou que a relação entre a presença das palavras “grato”, “gratidão” e “agradecido” e idade foi significativa [$\chi^2 = 49,1$; $gl=7$; $p<0,001$].

3.3.4. Gratidão a Deus

Oito participantes (1,9% dos casos) expressaram gratidão a Deus. A gratidão a Deus apareceu em diferentes idades (aos 8, 10, 11, 13 e 14 anos). Exemplos de resposta em que a gratidão a Deus apareceu são: “*O que eu mais quero e o amor e eu tenho e puriso agradesso a Deus*”, e “*pediria muito mais muito obrigado e agradeceria a deus*”. Não foram registrados aqui os casos em que o nome de Deus apareceu desvinculado da gratidão, como, por exemplo, na resposta: “*Para passar de ano, só eu e Deus.*”

É curioso que a gratidão a Deus tenha aparecido juntamente com a noção de autosuficiência, como no caso de uma jovem de 14 anos que respondeu: “*Na minha opinião, uma pessoa não pode me dar o que eu mais quero. Só eu*

acreditando demais e buscando, lutando pelos meus objetivos, assim eu conseguirei o que quero. Mas depois de ter acreditado e conseguido o que eu quis, agradecerei muito, muito a Deus, pois ele é o único que fez tudo isso acontecer, Ele que ensinou minha mãe, me levou a pensar em lutar e acreditar no que quero. Confio muito em Deus e acreditando eu sei que consigo tudo. Agradeceria a meus pais e a Deus. Sempre.” Essa aparente contradição parece típica da adolescência.

3.3.5. Outros tópicos

De modo geral, apareceram alguns temas que estão presentes na literatura. Em primeiro lugar, a ideia de gratidão como reciprocidade, preconizada pela sociologia, pôde ser observada em trechos de respostas como: *“retribuiria”, “para recompensar”, “faria o mesmo”; “daria em troca”, “para que nós fiquemos quites”* (ideia de dívida). Uma menina de 13 anos respondeu: *“Eu agradeceria e sempre que eu tivesse disponível ou essa pessoa estivesse precisando de alguma coisa, eu faria. Acho importante sempre que posso retribuir um favor.”*

Respostas que sinalizaram a ideia de dívida psicológica e perene, presentes na literatura, podem ser ilustradas com frases como: *“Ficaria devendo um favor o resto da vida”; “teria gratidão eterna”; “seria grato todos os dias”; “agradeceria a cada 20 minutos”; “nunca me esqueceria dela”*.

Um dos exemplos da ideia de dívida insaldável presente na gratidão pode ser a seguinte resposta: *“não teria como retribuir com a mesma proporção.”* Este tipo de resposta aponta para o fato da gratidão não ser uma simples troca, mas uma troca virtual, mais complexa do que a material.

Respostas que indicaram que a gratidão pode ser um sentimento intenso são: *“Não teria como agradecer”; “não teria palavras”; “não teria o que fazer”, “se uma pessoa me desse tudo que eu queria eu nem sabia como eu podia agradecer ela”*.

Em 98,5% dos casos em que os participantes expressaram gratidão (estando, portanto, excluídas as categorias “não sei” e “outros”), essa foi externalizada (manifestada de alguma forma, não apenas um estado interno como “ficaria grato”), o que reforça a ideia de que a gratidão é algo que deve ser demonstrado. Um exemplo é a resposta de uma menina de 14 anos: *“Interiormente, eu teria uma imensa gratidão por essa pessoa e tentaria demonstrar isso o máximo possível, mas as vezes isso é um pouco complicado e*

eu, com certeza não conseguiria ser grata o tempo todo, mesmo essa pessoa tendo realizado o meu sonho e mesmo sendo alguém que eu amasse demais.”

Sentimentos positivos apareceram em 6% das respostas dos participantes. Um exemplo é a resposta de um menino de 14 anos à pergunta “O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?”: *“Ficaria muito lisonjeado e agradeceria.”*

Além da valorização do benfeitor ser elemento constitutivo da gratidão e estar implícita na gratidão verbal, concreta, concectiva e finalística, houve casos (2,5% do total de casos) em que os participantes demonstraram reconhecimento do benfeitor de maneira expressa, a partir das seguintes frases:

Uma menina de 9 anos respondeu: *“Eu faria questão que ela pedisse o que ela quisesse, que ela é muito importante para mim.”* Um menino de 11 anos respondeu: *“Certamente seria uma pessoa especial para mim...”* Outro menino de 11 anos escreveu: *“Eu ia ficar muito feliz e desejar tudo para essa pessoa, pois ela ia realizar o meu pedido, e isso ia me deixar muito contente, pois essa pessoa é uma pessoa boa e abençoada que sabe ajudar os outros.”* Um menino de 14 anos faria questão de enaltecer publicamente os aspectos positivos do benfeitor: *“...sempre iria falar da pessoa que realizou uns dos meus sonhos.”* Outro participante de 11 anos mostrou admiração pelo benfeitor: *“...essa pessoa seria um herói para mim, um anjo.”*

Em 3 respostas foi observada uma distinção na forma de gratidão de acordo com o tipo de benfeitor (0,7% do total de casos). Ex: *“Se essa pessoa fosse médica agradecia mais ainda.”* Outro exemplo: *“Depende da pessoa que me desse.”* Ou ainda, uma criança de 11 anos respondeu: *“Se fosse um estranho, eu não aceitaria, mas se fosse um conhecido eu agradeceria muuuuito.”* No entanto, 2 respostas (0,5% o total de casos) explicitaram não ser importante o tipo de benfeitor, como a de uma menina de 12 anos: *“Independentemente de quem for...”*

CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO

Neste capítulo, primeiramente discute-se os resultados encontrados para o tipo predominante de gratidão; a seguir, são discutidos os resultados referentes aos tipos de gratidão que apareceram nas respostas dos participantes e suas subcategorias e, por fim, são discutidos temas da literatura sobre a gratidão que apareceram nessas respostas. Além disso, sugerem-se algumas questões para estudos futuros, frutos da reflexão sobre a leitura dos dados.

Os resultados referentes ao tipo predominante de gratidão foram bastante similares aos da investigação de Baumgarten-Tramer (1938), 70 anos depois. As crianças e adolescentes expressaram o sentimento de gratidão de forma distinta nas diferentes idades, não sendo encontrada diferença significativa na forma como meninos e meninas expressaram a gratidão. Ficou fortalecida a hipótese inicial deste estudo, a mesma de Baumgarten-Tramer (1938), de que a gratidão se desenvolve ao longo da infância e da adolescência.

O decréscimo na gratidão concreta com o avanço da idade pode ser interpretado como relacionado ao processo de descentração da criança. Uma vez que a gratidão concreta caracteriza-se pela retribuição de uma benesse com algo de valor para a criança, e não necessariamente valorizado pelo benfeitor (retribuição de natureza egocêntrica), espera-se que, com o aumento da idade, este tipo de gratidão diminua. Contrariamente, com o avanço da idade, espera-se um aumento na gratidão conectiva, o que foi observado neste estudo. Estes resultados são semelhantes aos encontrados na investigação de Baumgarten-Tramer (1938), no qual a gratidão conectiva só apareceu de forma significativa em crianças acima de 11 anos. Para a autora, com o desenvolvimento mental da criança aumenta o entendimento social e o sentimento de gratidão encontra, pois, uma forma superior de expressão.

De acordo com a teoria de Piaget (1964/2003), nesse mesmo sentido, após os 11 ou 12 anos, ocorre na criança a passagem do pensamento concreto para o pensamento formal. Efetua-se, nesse momento, uma transformação fundamental no pensamento da criança, que marca o término das operações construídas durante a segunda infância. A criança passa a desenvolver operações lógicas que transpõem o plano da manipulação concreta, pensando através de ideias que dispensam o apoio da percepção e da inteligência.

À medida que a criança dá esse salto qualitativo no tipo de raciocínio que desenvolve, espera-se que a descentração esteja cada vez mais presente no seu pensamento. Para Kesserling (1993), na esfera cognitiva, descentrar corresponde a algo como relativizar. Piaget (1966/1989) disse que é no processo de descentração—de dissociação do sujeito e do objeto e do posicionamento do sujeito em meio a diferentes perspectivas—que a criança aprende a relatividade no plano físico e a reciprocidade no plano social. Tendo um pensamento mais frequentemente descentrado, a criança mais velha mais comumente consegue se colocar no lugar do outro, daí que as respostas das crianças maiores de 11 anos tenderam a levar em consideração o ponto de vista do benfeitor. No entanto, conforme Piaget (1968/2003), ocorrem oscilações entre centração-descentração, retornando a primeira, nas mais diversas etapas do desenvolvimento, inclusive na adolescência. Isto explica em parte por que crianças mais velhas também ofereceram respostas do tipo concreta.

Por outro lado, crianças menores de 11 anos também manifestaram gratidão conectiva e isto já havia sido constatado no estudo de Baumgarten-Tramer (1938). Segundo essa autora, o fato de crianças de 7 anos apresentarem esse tipo de gratidão sugere que sentimentos genuínos de gratidão podem-se manifestar mesmo na tenra idade. Esta interpretação está de acordo com a idéia de Buck (2004) de que haveria uma forma de expressar a gratidão que não envolveria raciocínio de troca, equidade, reciprocidade e obrigação, e que seria a “gratidão do cuidado”. Segundo esse autor, o termo teria sido cunhado por Carol Gilligan e refere-se a uma gratidão que envolveria, em vez de cálculo complexo de retribuição, elementos como amor e vínculo. Isso pode explicar a natureza da gratidão conectiva expressa por crianças pequenas.

Piaget (1966/1989), inspirado em Grünbaum, falou que a mentalidade da criança, em função da indiferenciação do eu e dos objetos, típica do egocentrismo, teria uma simpatia universal, uma comunidade com as coisas. Tal fenômeno pode nos ajudar a compreender manifestações de carinho e cuidado de crianças pequenas para com o benfeitor, as quais, em vez de serem decorrentes de cálculos retributivos, proviriam do senso de comunhão.

Com relação à gratidão verbal, o fato desta ter aparecido em todas as idades pode ser indício de polidez. Observou-se no total de respostas em que a gratidão foi expressa nas categorias de Baumgarten-Tramer (89,1%) que, além dos casos em que o tipo de gratidão expresso foi exclusivamente verbal (24,2%),

em um grande número de respostas (26,3%), além das crianças e adolescentes se preocuparem em retribuir o benfeitor, fizeram questão de agradecê-lo verbalmente.

Conforme Baumgarten-Tramer (1938), a gratidão verbal parece reproduzir um aprendizado da criança. Essa mesma hipótese é a de La Taille (1998), que, em um estudo com participantes de 6 a 12 anos, observou que a idéia de que dizemos “obrigado” porque é educado foi a que mais se destacou em todas as idades das crianças entrevistadas. Quando arguidas sobre se era importante dizer obrigado, todas as crianças responderam que sim, o que nos leva a supor que o valor do “obrigado” seja aprendido desde cedo e permaneça ao longo do desenvolvimento. Gordon et al. (2004) consideraram que o fato das expressões de gratidão das crianças refletirem frequentemente regras de polidez, mais do que aquilo que de fato sentem, torna difícil o conhecimento da gratidão em crianças.

A hipótese levantada por Baumgarten-Tramer (1938) sobre a gratidão verbal ser utilizada quando a criança ou o adolescente não sabe expressar o que sente parece plausível. Neste estudo, paralelamente a uma frequência alta de gratidão verbal, foi encontrada uma frequência muito baixa de respostas do tipo “não sei”. É possível que crianças e adolescentes tenham se expressado através da gratidão verbal quando não souberam o que responder.

O aumento encontrado na gratidão verbal com o avanço da idade pode ser atribuído à incapacidade geral de expressar adequadamente sentimentos, típica da adolescência. Similarmente, no estudo de Baumgarten-Tramer (1938), a gratidão verbal foi encontrada numa frequência muito alta em jovens de 15 anos (72%).

Baumgarten-Tramer (1938) sugeriu que a gratidão verbal também pode designar uma gratidão muito grande. Paralelamente a esse modo de expressar profunda gratidão, foram observadas neste estudo formas alternativas de exprimi-la.

Embora o estudo de Gordon et al. (2004) tenha apontado diferenças na forma como meninos e meninas experienciam a gratidão, tendo os meninos mostrado-se mais gratos a objetos materiais e as meninas às pessoas, neste estudo não foram encontradas diferenças de sexo na expressão de gratidão. Estas também não foram encontradas no estudo de Paludo (2008) na disposição para a gratidão de crianças e adolescentes em situação de risco. Também no estudo de Froh et al. (in press), apesar dos autores hipotetizarem que as meninas relatariam mais gratidão do que os meninos, os resultados mostraram uma pequena diferença nos

relatos de ambos, havendo suporte empírico apenas em termos de tendência. Embora tenha sido observada uma tendência das meninas em relatar mais gratidão do que os meninos, estes mostraram uma relação mais significativa entre gratidão e suporte familiar. No entanto, Gordon et al. (2004) afirmaram que, apesar de existirem poucas evidências empíricas sobre a gratidão em crianças, há elementos suficientes para se crer que existam diferenças nos valores de meninos e meninas, o que influenciaria a experiência de gratidão. Dizer que influenciaria a experiência de gratidão não significa dizer que influenciaria necessariamente a forma de expressar a gratidão, pois a experiência de gratidão e a forma de expressar a gratidão são elementos distintos.

Com relação aos casos categorizados como “outros” cabe discriminar que apareceram casos em que a pergunta “O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?” pareceu não ter despertado a gratidão nas crianças, de modo diferente dos casos em que as crianças manifestaram claramente que não fariam nada para a pessoa que lhes desse o que mais queriam. Foram observados casos em que as crianças responderam a essa pergunta expressando um outro desejo, ou dando sequência a um desejo manifestado na primeira pergunta. Algumas respostas que apareceram em crianças pequenas—como a da criança que escreveu que o que faria para a pessoa que lhe desse o que mais queria seria “*Isplucar*” (aquilo que queria)—podem ser interpretadas como a supremacia do desejo (de obter o objeto almejado) sobre o sentimento de gratidão em si, o que poderia ser explicado pelo próprio estado de egocentrismo em que essas crianças se encontram. Conforme Piaget (1966/1989), é próprio do egocentrismo a interpretação dos fatos a partir da perspectiva particular, com atribuição a estes de elementos do próprio eu.

O fato de ter havido uma diminuição na retribuição com bens materiais com o aumento da idade pode ser analisado traçando-se um paralelo com a teoria de Piaget (1964/2003), segundo a qual, aos 11-12 anos ocorre uma transformação fundamental na forma de pensar das crianças, com a passagem do pensamento concreto para o pensamento formal. Através desse fenômeno, as crianças, cujas operações da inteligência são unicamente concretas, referindo-se à própria realidade—principalmente a objetos palpáveis, manipuláveis e que podem ser submetidos à experiência—começam a fazer operações lógicas que envolvem ideias, indo além do plano da manipulação concreta. Seria plausível pensar, pois, que as crianças menores de 11 anos tenderiam a retribuir uma benesse com bens

materiais, pelas características do pensamento da fase em que se encontram, ao passo que as acima de 11 anos tenderiam a retribuir com elementos mais abstratos, numa orientação para a criação de laços espirituais com o benfeitor.

Dados de um estudo norte-americano (Gordon et al., 2004) sobre a quem as crianças eram gratas sugeriram, de forma análoga, que as crianças de 9-12 anos teriam mais gratidão às pessoas do que as de 4-8 anos, que seriam mais gratas a objetos materiais, o que apontaria para uma diminuição do egocentrismo e aumento de interesse pelas relações interpessoais das crianças maiores. Para Gordon et al. (2004), as crianças mais novas tenderiam a focar em objetos materiais e as mais velhas, nas relações humanas e conceitos abstratos.

No estudo aqui exposto, enquanto que as crianças pequenas tenderam a responder com uma retribuição envolvendo bens materiais do tipo “*Daria um presente*”, as crianças mais velhas tenderam a utilizar raciocínio abstrato, chegando, em alguns casos, a contrastar expressamente bens materiais e imateriais, como uma menina de 12 anos, que respondeu à pergunta “O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?” da seguinte forma: “*Independentemente de quem for, posso garantir de que não seria nada material, pois isso não é de muita importância. Eu acho que eu seria eternamente grata à pessoa, e sempre que ela precisasse de mim eu estaria lá para ajudá-la, não importa a ocasião.*” Já um menino de 12 anos, apesar de reconhecer que bens materiais e imateriais têm valor diferenciado, assim respondeu: “*Eu ficaria muito grato e tentaria recompensar com coisas materiais ou não, pois essa pessoa seria muito importante para mim e eu acho que deveria muito à ela.*”

O fato de ter aparecido retribuição com bens materiais numa frequência significativamente maior na gratidão concreta do que na gratidão conectiva nos permite hipotetizar que a retribuição com bens materiais seria uma forma menos complexa de expressão de gratidão. Os resultados não indicaram uma diferença de gênero quanto à retribuição com bens materiais e esse é um fato curioso quando comparado com os achados de Gordon et al. (2004), no qual meninas mostraram-se mais gratas às pessoas, e meninos, a objetos materiais.

Ainda com referência à retribuição com bens materiais, quando esta, em casos de gratidão concreta, se tratou de compartilhamento do objeto desejado—ex: o menino que queria brinquedos e disse que o que faria para a pessoa que lhe desse os brinquedos seria emprestá-los—pode ser observada uma inclinação para

a comunhão com o benfeitor. Estariam, também aí, os laços sociais característicos da gratidão.

O fato da gratidão finalística ter aparecido em apenas 2 casos requereu uma análise mais aprofundada deste fenômeno. Foi constatado que, nos casos em que possivelmente emergiria a gratidão finalística, como no caso do participante desejar um trabalho, em vez deste se dizer grato àquele que deu o trabalho, respondeu que somente esforçando-se é que conseguiria um trabalho. O fato de algumas crianças e adolescentes acharem que somente por si próprios é que podem desenvolver uma carreira profissional pode ser uma manifestação de autosuficiência estimulada pelo contexto social.

De acordo com Arnett (1994), na cultura ocidental contemporânea, há uma grande ênfase na independência e no individualismo. Enquanto que na maioria das culturas não-ocidentais a entrada na vida adulta é definida socialmente e marcada por um evento social—como por exemplo, o casamento—, na cultura ocidental dos dias de hoje, a passagem para a vida adulta é definida e marcada individualmente. O jovem, para se tornar adulto, deve atingir independência financeira e autosuficiência emocional e cognitiva.

Para Halvorsen (1998), nesse mesmo sentido, as sociedades capitalistas valorizam a autosuficiência, vendo as pessoas autosuficientes como produtivas e valiosas para o mercado. A retórica da autosuficiência molda as políticas atuais, vindo associada ao conceito de individualismo. A autosuficiência é vista unicamente como autosuficiência econômica, postulando-se que somente de posse de seus próprios bens é que o indivíduo é livre e independente. Os Estados Unidos têm sido a terra que preconiza com mais força essa ideia, valorizando o *self-made man*, aquele que se faz por si mesmo. Ainda para Halvorsen (1998), a autosuficiência não só é valorizada, como é tida como um traço de caráter altamente desejado. Uma análise interessante de se fazer em futuros estudos seria a de em que medida esse traço de caráter—a autosuficiência—pode influenciar a experiência da gratidão.

Do ponto de vista psicanalítico, a adolescência seria marcada por uma onipotência narcísica que surgiria como uma defesa contra a frustração da realidade (Fagundes, 2004). Os adolescentes, para se proteger do desamparo que os acomete no período de vida em que se encontram, desenvolveriam, como defesa, a ideia ilusória de que são autosuficientes. Piaget (1964/2003), de maneira análoga, afirmou que os adolescentes têm uma crença na onipotência da reflexão,

através da qual o mundo submete-se a seus sistemas e não o contrário, numa forma de egocentrismo típica desta idade.

Se acreditarmos que a ideia de autosuficiência aparece com significativa frequência na adolescência, pode-se pensar que este fenômeno pode influenciar o sentimento de gratidão neste período da vida. Aqui, caberia a pergunta: a gratidão sofreria oscilações na adolescência por uma crença na autosuficiência?

Pelo fato desta pesquisa só ter incluído adolescentes até 14 anos, pouco se pode dizer sobre a gratidão em adolescentes. Mas há indícios de que a autosuficiência seja um tema presente na vida dos adolescentes, marcando suas experiências e influenciando, talvez, a própria gratidão. Conforme Kashdan et al. (in press), a gratidão nos adolescentes requer estudos específicos, pois é provável que se manifeste de maneira distinta dos adultos.

Piaget (1964/2003) afirmou que a personalidade na adolescência sofre uma oscilação marcante entre descentração e centração. Se, por um lado, a personalidade descentra-se do eu e se integra, voltada para a cooperação e sujeição a disciplinas autônomas e livremente construídas, por outro, diante de qualquer desequilíbrio, centraliza-se novamente sobre si própria. Como os desequilíbrios são muito frequentes na adolescência, os jovens acabariam sendo generosos e altruístas, ao mesmo tempo que megalomaniacos e egocêntricos.

Essa reflexão abre caminhos para se pensar se a gratidão, em vez de ser um sentimento que se desenvolve num *continuum*, não sofreria, talvez, oscilações, tal qual os fenômeno de centração-descentração. Aqui, também seria pertinente a pergunta: “Haveria períodos do desenvolvimento em que a gratidão estaria mais sujeita a oscilações?”

Quanto à questão teórica sobre se a gratidão se desenvolve juntamente com o conceito de gratidão, o fato dos termos “grato”, “gratidão” e “agradecido” terem aparecido somente nas crianças acima de 10 anos, à exceção de uma criança de 8 anos, e surgido numa frequência maior nas crianças mais velhas, pode indicar um desconhecimento dos termos pelas crianças menores—conforme o estudo de La Taille (1998) sugeriu—, o que pode estar ligado ao próprio conhecimento da gratidão. Embora não se possa fazer nenhuma inferência de que o aumento do emprego das palavras “grato”, “gratidão” e “agradecido” indique que o conceito de gratidão se desenvolve (este fenômeno pode ser atribuído simplesmente ao aumento do vocabulário das crianças maiores), o fato de que as crianças pequenas não mencionaram espontaneamente as palavras “grato”, “gratidão” e “agradecido”

por si só é um dado importante. Em uma investigação acerca do conhecimento das crianças do termo “gratidão”, La Taille (1998) encontrou indícios de que o conceito de gratidão se desenvolve junto com o sentimento de gratidão.

Apesar de que a pergunta “O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?” poderia ter induzido a uma resposta que levasse somente em consideração ações praticadas por sujeitos, a gratidão a Deus apareceu em algumas respostas. Este resultado é consistente com a literatura. McCullough et al. (2001) afirmaram que, além da gratidão em que a pessoa é sensível à ação intencional do benfeitor, há casos em que as pessoas são gratas a Deus, agentes não humanos e poderes sobrenaturais. Os autores relataram que, em um levantamento feito pelo governo norte-americano com 500 adolescentes, 78% dos participantes disseram sentir gratidão a Deus ao menos eventualmente.

O fenômeno da gratidão a Deus tem sido muito discutido por estudiosos do assunto, havendo divergências quanto a se ele pode, de fato, ser considerado gratidão, visto que, para alguns teóricos, a gratidão deve advir de uma ação praticada por autor identificado, a quem se endereçaria o sentimento de gratidão em retribuição.

O aparecimento de sentimentos positivos na resposta à pergunta “O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres”, tais como “*ficaria feliz*” e “*ficaria alegre*”, reforça a ideia de que a gratidão é um sentimento agradável, presente na literatura (McCullough et al., 2001). Seria condição necessária à gratidão a capacidade de sentir satisfação ou ter um sentimento positivo a partir da ação benevolente de outrem (Bonnie & de Waal, 2004; Klein, 1957/1974). Por conseguinte, as respostas em que os participantes disseram expressamente que não fariam nada para a pessoa que lhes desse o que mais queriam—sem manifestarem, portanto, qualquer sentimento positivo em virtude da ação benevolente (de forma diferente, no entanto, dos casos anteriormente mencionados de egocentrismo das crianças pequenas)—aproximaram-se da ideia de ingratidão.

A presença expressa de sentimentos positivos dirigidos ao benfeitor em respostas de participantes sinaliza o papel importante que especificamente o benfeitor tem na gratidão. O fato de sentimentos positivos dirigidos ao benfeitor terem sido explicitados em respostas que já expressavam gratidão, surgindo até mesmo como uma intenção de enfatizar os atributos do benfeitor publicamente, reforçam a ideia presente na literatura de que a gratidão implica o reconhecimento do benfeitor, sendo, pois, um sentimento interindividual (Baumgarten-Tramer,

1938; Bonnie & de Waal; La Taille, 2000; Piaget, 1965/1973). Na gratidão, ocorre a valorização positiva do benfeitor e não apenas de sua ação generosa. É dessa valorização positiva do benfeitor que surge o sentimento de uma dívida psicológica e a necessidade de retribuí-lo (Baumgarten-Tramer, 1938; Bonnie & de Waal; La Taille, 2000; Piaget, 1965/1973).

Foram observadas, no entanto, respostas que expressaram sentimentos positivos referentes à ação do benfeitor, e não ao benfeitor em si. Esse fenômeno já foi observado em outros estudos (Freitas et al., in press), no qual se constatou que, na medida em que a idade da criança avança, há uma passagem de uma etapa em que não há qualquer reconhecimento da ação do benfeitor para uma em que há esse reconhecimento e, por fim, para uma etapa em que há a valorização do próprio benfeitor. Esses dados nos permitem pensar que o reconhecimento se desenvolve nas crianças, havendo, no processo de atribuição de valor ao benfeitor, um estágio intermediário, em que a criança valorizaria a sua ação generosa.

O fato de terem aparecido respostas que destacaram a natureza do benfeitor—por exemplo, se amigo ou desconhecido—é consistente com dados da literatura que apontam para a hipótese de que o tipo de benfeitor pode influenciar o sentimento de gratidão (Tsang & McCullough, 2004). Estudos têm mostrado que, quando a ação generosa é praticada por alguém próximo ao beneficiário—familiar ou amigo—, por esta ser esperada, a gratidão é menor do que quando o ato é praticado por um desconhecido, de quem não se esperaria tal atitude.

CAPÍTULO IV: CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo indicaram que a expressão do sentimento de gratidão se dá de forma distinta nas diferentes etapas do desenvolvimento, não sendo encontrada diferença significativa na forma como meninos e meninas expressaram a gratidão. Os achados desta pesquisa foram bastante similares aos da investigação de Baumgarten-Tramer (1938), 70 anos depois, o que é muito interessante. A hipótese de que a gratidão se desenvolve ao longo da infância e da adolescência ficou fortalecida.

Resta saber se em outras culturas resultados semelhantes a estes seriam encontrados; seria muito interessante se temas como autosuficiência, retribuição com bens materiais ou imateriais e outros tópicos destacados neste estudo aparecessem de forma similar. De acordo com Emmons (2004), há poucas pesquisas sobre a gratidão em diferentes culturas.

Uma possibilidade de estudos futuros seria investigar as respostas à segunda pergunta juntamente com as respostas à primeira pergunta. Por exemplo, analisar se as crianças que desejam bens materiais tendem a retribuir o benfeitor também com bens materiais (se existe alguma relação entre o desejo de bens materiais e a retribuição com bens materiais), o que aponta para uma valorização de bens materiais, portanto, materialismo. O materialismo poderia determinar um tipo de gratidão – gratidão material –, a qual, talvez, designaria um tipo mais elementar de gratidão, quando comparado com a gratidão imaterial, que envolveria uma gama mais complexa de sentimentos.

Com relação às limitações deste estudo, sabe-se que uma amostra por conveniência pode ser viesada, mas uma amostra randômica exigiria o envolvimento de um número maior de escolas, complexificando em muito a logística do estudo. Desta maneira, a amostra obtida sofre restrições em sua generalização. Também não foi feito pareamento por sexo e por idade, pelas implicações que acarretariam na coleta.

Uma crítica plausível a esse estudo é a de que os participantes foram induzidos a manifestar gratidão, através da pergunta “O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?”. Mesmo diante desta limitação, ainda assim houve casos em que as crianças disseram expressamente que não fariam nada para a pessoa que lhes desse o que mais queriam. Da mesma forma, pode-se pensar que

a pergunta “O que tu mais queres?” tenha gerado respostas que vieram a influenciar a expressão de gratidão das crianças e dos adolescentes.

Também é possível que o fato das crianças saberem estar participando de um estudo tenha afetado o tipo de resposta oferecida. Gordon et al. (2004) consideraram que uma análise documental se presta bem para um estudo desta natureza, por evitar este tipo de viés, ainda mais no caso de crianças, as quais, é sabido, tendem a dar uma resposta socialmente desejável. A problemática das respostas socialmente esperadas é conhecida por muitos estudiosos, ocorrendo, frequentemente, em levantamentos (Cozby, 2003). Mesmo as respostas indicando autosuficiência dos adolescentes podem ter sido dadas por serem socialmente esperadas.

É possível que algumas crianças e adolescentes tenham copiado as respostas umas das outras, visto que certas respostas que apareceram em sequência mostraram-se bastante parecidas. Este aspecto não foi controlado, tendo havido situações em que colegas sentaram-se ao lado uns dos outros para responder às perguntas. Também o fato das respostas não terem sido exploradas junto aos participantes deixa margem para interpretações equivocadas.

Outra limitação deste estudo seria a de que, através das expressões escritas das crianças, os dados que se obtêm são as representações mentais das crianças e seus juízos. A literatura aponta para uma defasagem no tempo entre as representações e juízos das crianças e aquilo que elas pensam ou sentem em uma situação real (Piaget, 1932/1994). No entanto, como La Taille (2002), acredita-se que o que as crianças dizem, apesar de poder estar defasado em relação ao que realmente sentem, representa uma fase existente do desenvolvimento da criança que já se deu ou está quase sendo superada.

Apesar de suas limitações, este estudo nos ofereceu dados suficientes para pensarmos que a gratidão se desenvolve ao longo da infância e da adolescência e que a forma de expressá-la é indistinta entre meninos e meninas. No entanto, muitos estudos restam ser feitos ainda sobre o assunto. Há muitas lacunas ainda presentes no conhecimento da gratidão em crianças e adolescentes, sendo importante que se realizem mais pesquisas referentes ao assunto, principalmente por ser um sentimento socialmente desejado e que pode contribuir para o bem-estar das pessoas. Além disso, a gratidão, acredita-se, estimula o comportamento moral, podendo ser importante na própria constituição da moralidade. Elucidar questões referentes à gratidão ao longo da infância e da adolescência pode auxiliar

a criar estratégias que fomentem esse tipo de sentimento nos indivíduos em formação.

REFERÊNCIAS

- Algoe, S. B., Haidt, J., & Gable, S. L. (2008). Beyond reciprocity: Gratitude and relationships in everyday life. *Emotion, 8*(3), 425-429.
- Alves, H. R. C. (2006). *Obrigação política e cooperação*. Unpublished doctoral dissertation, Universidade de São Paulo, SP.
- Anderson, N. H. (2005). How sharper than a serpent's tooth. *Journal of Social and Clinical Psychology, 24*(7), 1077-1080.
- Andersson, L. M., Giacalone, R. A., & Jurkiewicz, C. L. (2007). On the relationship of hope and gratitude to corporate social responsibility. *Journal of Business Ethics, 70*, 401-409.
- Arnett, J. J., & Taber, S. (1994). Adolescence terminable and interminable: When does adolescence end? *Journal of Youth and Adolescence 23*(5), 517-537.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. (Original published in 1977)
- Baumgarten-Tramer, F. (1938). "Gratefulness" in children and young people. *Journal of Genetic Psychology, 53*, 53-66.
- Bonnie, K. E., & de Wall, F. B. M. (2004). Primate social reciprocity and the origin of gratitude. In R. A. Emmons & M. E. McCullough (Eds.), *The psychology of gratitude* (pp. 213-229). New York: Oxford University Press.
- Bono, G., & McCullough, M. E. (2006). Positive Responses to Benefit and Harm: Bringing Forgiveness and Gratitude Into Cognitive Psychotherapy. *Journal of Cognitive Psychotherapy: An International Quarterly, v. 20, n. 2*, p. 147-158.
- Buck, R. (2004). The gratitude of exchange and the gratitude of caring. In R. A. Emmons & M. E. McCullough (Eds.), *The psychology of gratitude* (pp. 100-122). New York: Oxford University Press.
- Conselho Federal de Psicologia (2000). *Resolução para pesquisa com seres humanos*. Resolução 016/2000, Brasília.
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências com comportamento* (P. I. C. Gomide & E. Otta, Trans.) São Paulo: Atlas.
- Emmons, R. A. (2004). An introduction. In R. A. Emmons & M. E. McCullough (Eds.), *The psychology of gratitude* (pp. 3-16). New York: Oxford University Press.

- Emmons, R. A. (2004). Gratitude. In M.E.P. Seligman & C. Peterson (Eds.), *Character. strengths and virtues* (pp. 553-568). New York : Oxford University Press.
- Emmons, R. A., & Crumpler, C. A. (2000). Gratitude as human strength: Appraising the evidence. *Journal of Social and Clinical Psychology, 19*, 56–69.
- Emmons, R. A., & McCullough, M. E. (2003). Counting blessings versus burdens: An experimental investigation of gratitude and subjective well-being in daily life. *Journal of Personality and Social Psychology, 84*(2), 377-389.
- Emmons R. A., & Shelton, C. M. (2002). Gratitude and the science of positive psychology In: C. R. Snyder & S. J. Lopez, (Eds), *Handbook of positive psychology* (pp. 459-471). London: Oxford University Press.
- Fagundes, J. O. (2004). O homem de alma oxidada. *Revista Brasileira de Psicanálise, 38*(4), 915-926.
- Fredrickson, B. L. (1998). What good are positive emotions? *Review of General Psychology, 2*, 300–319.
- Freitas, L. B. L. (2002). Piaget e a consciência moral: um kantismo evolutivo? [Electronic version]. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 15* (2), 303-308.
- Freitas, L. B. L., Silveira, P. G. & Pieta, M. A. M. (in press). O desenvolvimento do sentimento de gratidão: um estudo com crianças de 6 a 12 anos. *Revista Interamericana de Psicología*.
- Froh, J. J., Miller, D. N., & Snyder, F. S. (2007). Gratitude in children and adolescents: Development, assessment, and school-based intervention. *School Psychology Forum: Research in Practice 2*(1), 1-13.
- Froh, J. J., Sefick, W. J., & Emmons, R. A. (2008). Counting blessings in early adolescents: an experimental study of gratitude and subjective well-being. *Journal of School Psychology, 46*(2), 213-233.
- Froh, J. J., Yurkewicz, C., & Kashdan, T.B. (in press). Gratitude and subjective well-being in early adolescence: Examining gender differences. *Journal of adolescence*.
- Goei, R., & Boster, F. J. (2005). Roles of obligation and gratitude in explaining the effect of favors on compliance. *Communication Monographs, 72*(3) 284-300.

- Gordon, A. K, Musher-Eizenman, D. R., Holub, S. C., & Dalrymple, J. (2004). What are children thankful for? An archival analysis of gratitude before and after the attacks of September 11. *Journal of Applied Developmental Psychology, 25*(5), 541-553.
- Gouldner, A. W. (1960). The norm of reciprocity: A preliminary statement. *American Sociological Review, 25*, 161–178.
- Halvorsen, K. (1998). Symbolic purposes and factual consequences of the concepts “self-reliance” and “dependency” in contemporary discourses on welfare. *Scandinavian Journal of Social Welfare, 7*, 56-64.
- Heider, F. (1958). *The psychology of interpersonal relations*. New York: Wiley.
- Kashdan, T. B., & Breen, W. E. (2007). Materialism and diminished well-being: Experimental avoidance as a mediating mechanism. *Journal of Social and Clinical Psychology, 26*(5), 521-539.
- Kashdan, T. B., Mishra, A., Breen, W. E., & Froh, J. J. (in press). Gender differences in gratitude: Examining appraisals, narratives, the willingness to express emotions, and the changes in psychological needs. *Journal of Personality*.
- Kesselring, T. (1993). Jean Piaget (A. E. Allgayer & F. Becker, Trans.) Petrópolis: Vozes.
- Klein, M. (1974). *Inveja e gratidão: um estudo das fontes inconscientes*. (J. A. Abreu, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1957)
- La Taille, Y. (1998). *As virtudes morais segundo as crianças* (Relatório de pesquisa encaminhado à Fundação de Apoio à Pesquisa). Universidade de São Paulo, SP.
- La Taille, Y. de (2000). Para um estudo psicológico das virtudes morais. *Educação e Pesquisa, 26*(2), 109-121.
- La Taille, Y. de (2001). Desenvolvimento moral: A polidez segundo as crianças. *Cadernos de Pesquisa, 114*, 89-119.
- La Taille, Y. de (2002). *Vergonha, a ferida moral*. Petrópolis: Vozes.
- Lazarus, R. S., & Lazarus, B. N. (1994). *Passion and reason: Making sense of our emotions*. New York: Oxford University Press.
- Lourenço, O. M. (1992). Para uma explicação piagetiana do aumento do altruísmo na criança: Alguns dados interculturais. *Revista Portuguesa de Pedagogia, XXVI*(2), 301-319.

- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (1986). *Técnicas de pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas.
- Mayer, J. D., Salovey, P., Gomberg-Kaufman, S., & Blainey, K. (1991). A broader conception of mood experience. *Journal of Personality and Social Psychology, 60*, 100–111.
- McAdams, D. P., & Bauer, J. J. (2004). Gratitude in modern life: its manifestations and development. In R. A. Emmons & M. E. McCullough (Eds.), *The psychology of gratitude* (pp. 81-99). New York: Oxford University Press.
- McCullough, M. E., Emmons, R. A., & Tsang, J. A. (2002). The grateful disposition. The grateful disposition: A conceptual and empirical topography, *Journal of Personality and Social Psychology, 82*, 112–127.
- McCullough, M. E., Kilpatrick, S. D., Emmons, R. A., & Larson, D. B. (2001). Is gratitude a moral affect? *Psychological Bulletin, 127*(2), 249-266.
- McWilliams, N., & Lependorf, S. (1990). Narcissistic pathology of everyday life: The denial of remorse and gratitude. *Contemporary Psychoanalysis, 26*, 430–451.
- Mengarda, C. F. (2002). Homens que ultrapassam os obstáculos da idade: A vida além da expectativa da vida. Unpublished doctoral dissertation, Universidade de São Paulo, SP.
- Neto, F. (2007). Forgiveness, personality and gratitude. *Personality and Individual Differences, 43*, 2313–2323.
- Overwalle, F. V., Mervielde, I., & De Schuyter, J. (1995). Structural modeling of the relationships between attributional dimensions, emotions, and performance of college freshmen. *Cognition and Emotion, 9*, 59–85.
- Paludo, S. S. & Koller, S. H. (2006). Gratidão em contextos de risco : uma relação possível? *Revista Psicodebate Psicología, Cultura y Sociedad: Buenos Aires, 7*, 55-66.
- Paludo, S. S. (2008). *Emoções morais e gratidão: uma nova perspectiva sobre o desenvolvimento de jovens que vivem em situação de risco pessoal e social*. Unpublished doctoral dissertation, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.
- Piaget, J. (1973). *Estudos sociológicos* (R. Di Piero, Trans.). Rio de Janeiro: Forense. (Original published in 1965)

- Piaget, J. (1989). *A linguagem e o pensamento da criança* (M. Campos, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1966)
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança* (E. Lenardon, Trans.). São Paulo: Summus. (Original published in 1932)
- Piaget, J. (2003). *Seis estudos de psicologia* (M. A. M. D'Amorim & P. S. Lima e Silva, Trans.). Rio de Janeiro: Forense. (Original published in 1964)
- Reisenzein, R. (1994). Pleasure-arousal theory and the intensity of emotions. *Journal of Personality and Social Psychology*, *67*, 525–539.
- Schwartz, B. (1967). The social psychology of the gift. *American Journal of Sociology*, *73*, 1–11.
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: an introduction. *American Psychologist*, *55*(1), 5–14.
- Simmel, G. (1950). *The sociology of Georg Simmel*. Glencoe, IL: Free Press.
- Smith, A. (2002). *Teoria dos sentimentos morais*. (L. Luft, Trans.). São Paulo: Martins Fontes (Original published in 1759).
- Solomon, R. C. (2004). In R. A. Emmons & M. E. McCullough (Eds.), *The psychology of gratitude* (pp. v-xi). New York: Oxford University Press.
- Trivers, R. L. (1971). The evolution of reciprocal altruism. *Quarterly Review of Biology*, *46*, 35–57.
- Tsang, J. (2006). Gratitude and prosocial behaviour: an experimental test of gratitude. *Cognition and Emotion*, *20*(1), 138-148.
- Tsang, J. (2007). Gratitude for small and large favors: a behavioral test. *Journal of Positive Psychology*, *2*, 157–167.
- Tsang, J. A., & McCullough, M. E. (2004). Annotated bibliography of psychological research on gratitude. In R. A. Emmons & M. E. McCullough (Eds.), *The psychology of gratitude* (pp. 291-295). New York: Oxford University Press.
- Vaillant, G. E. (1993). *The wisdom of the ego*. Cambridge: Harvard University Press.
- Walker, L. J., & Pitts, R. C. (1998). Naturalistic conceptions of moral maturity. *Developmental Psychology*, *34*, 403–419.
- Watkins, S. P., Scheer, J., Ovnicek, M., & Kolts, R. (2006). The debt of gratitude: Dissociating gratitude and indebtedness. *Cognition and Emotion*, *20*(2), 217-241.

- Weiner, B., & Graham, S. (1988). Understanding the motivational role of affect: Life-span research from an attributional perspective. *Cognition and Emotion*, 3, 401–419.
- Westermarck, E. (1928). *L'origine et le développement des idées morales*. Paris: Payot (Original published in 1908)
- Williams, B. (2002). Virtude: Ética da virtude. In M. Canto-Sperber (Ed.). *Dicionário de ética e filosofia moral* (pp. 762-773). São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Wood, A. M., Joseph, S., & Linley, P. (2007). Coping style as a psychological resource of grateful people. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 26(9), 1076-1093.
- Wood, A. M., Joseph, S., & Maltby, J. (in press). Gratitude predicts psychological well-being above the Big Five facets. *Personality and Individual Differences*.
- Wood, A. M., Maltby, J., Stewart, N., Linley, P. A., & Joseph, S. Linley, P. (2008). A social–cognitive model of trait and state levels of gratitude. *Emotion*, 8(2), 281-290.

Anexo A

Idade: _____ Data de nascimento: _____

Série: _____ Turma: _____

Escola: _____

Nome completo: _____

Sexo: _____

Religião da família: _____

Data: _____

Perguntas

1. O que tu mais queres?

2. O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?

Anexo B

Autorização da Direção da Escola

Este estudo está sendo desenvolvido como projeto de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e procura investigar como crianças e adolescentes expressam o sentimento de gratidão. Conhecendo melhor a forma como crianças e adolescentes expressam a gratidão, esperamos ampliar nossos conhecimentos acerca do tema e, a partir disso, pensar em intervenções que fomentem este tipo de sentimento, visto que pode contribuir para o bem-estar das crianças e adolescentes.

Neste estudo, serão formuladas duas perguntas a alunos de 7 a 14 anos de escolas públicas e particulares de Porto Alegre, as quais devem ser respondidas por escrito. As perguntas serão feitas coletivamente em sala de aula, ou em qualquer outro local adequado dentro da escola. A feitura das perguntas e o tempo de resposta terão a duração de aproximadamente 30 min. As crianças e os adolescentes serão informados de forma clara de que só participarão deste estudo se quiserem e que poderão se retirar deste a qualquer momento se assim o desejarem ou se for necessário.

Será observado o caráter confidencial das informações obtidas nesta pesquisa. Quando da publicação e divulgação de seus resultados, os seus participantes não serão identificados. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de pesquisa e serão mantidos por pelo menos cinco anos na sala 118 do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600.

A pesquisadora responsável por este projeto é a Prof^a. Dr^a. Lia Beatriz de Lucca Freitas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600 – sala 118, Porto Alegre – RS, Telefone: 3308-5314. Contatos para maiores esclarecimentos acerca desta pesquisa podem ser feitos por este número, com M^a Adélia Pieta (mestranda) ou pelo e-mail: mpieta@terra.com.br. O endereço do Comitê de Ética em Pesquisa que avaliou este projeto é Rua Ramiro Barcelos, 2600. O telefone para contato é 33085066 (seg. à sexta, das 8h às 14h) e o e-mail é cep-psico@ufrgs.br.

Pela presente autorização declaro que fui informado(a) dos procedimentos e objetivos desta pesquisa, bem como da liberdade de retirar minha autorização a qualquer momento, sem penalização ou prejuízo algum.

Autorizo a realização desta pesquisa nesta escola.

Instituição: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Nome completo do(a) diretor(a): _____

RG: _____

Assinatura: _____

Assinatura da mestranda: _____

Data: _____

Anexo C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais ou Responsáveis Legais

Este estudo está sendo desenvolvido como projeto de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e procura investigar como crianças e adolescentes expressam o sentimento de gratidão. Conhecendo melhor a forma como crianças e adolescentes expressam a gratidão, esperamos ampliar nossos conhecimentos acerca do tema e, a partir disso, pensar em intervenções que fomentem este tipo de sentimento, visto que contribui para o bem-estar das crianças e adolescentes.

Neste estudo, serão formuladas duas perguntas a alunos de 7 a 14 anos de escolas públicas e particulares de Porto Alegre, as quais devem ser respondidas por escrito. As perguntas serão feitas coletivamente em sala de aula, ou em qualquer outro local adequado dentro da escola. A feitura das perguntas e o tempo de resposta terão a duração de aproximadamente 30 min. As crianças e os adolescentes serão informados de forma clara de que só participarão deste estudo se quiserem e que poderão se retirar deste a qualquer momento se assim o desejarem ou se for necessário.

Será observado o caráter confidencial das informações obtidas nesta pesquisa. Quando da publicação e divulgação de seus resultados, os seus participantes não serão identificados. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de pesquisa e serão mantidos por pelo menos cinco anos na sala 118 do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600.

A pesquisadora responsável por este projeto é a Prof^ª. Dr^ª. Lia Beatriz de Lucca Freitas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600 – sala 118, Porto Alegre – RS, Telefone: 3308-5314. Contatos para maiores esclarecimentos acerca da pesquisa podem ser feitos por este número, com M^ª Adélia Pieta (mestranda), ou pelo e-mail: mpieta@terra.com.br. O endereço do Comitê de Ética em Pesquisa que avaliou este projeto é Rua Ramiro Barcelos, 2600. O telefone para contato é 33085066 (seg. à sexta, das 8h às 14h) e o e-mail é cep-psico@ufrgs.br.

Pela presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido declaro que fui informado(a) dos procedimentos e objetivos desta pesquisa, bem como da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento, sem penalização ou prejuízo algum.

Nome completo da criança: _____

Nome completo do responsável: _____

Grau de parentesco: _____

Assinatura: _____

Assinatura da mestranda: _____

Data: _____